DOM MIGUEL D'AVERSA, SDB
BISPO EMÉRITO DE HUMAITÁ

# Heróis AUTÊNTICOS



QUARTO VOLUME
(1992-1998)

Dom Miguel D'Aversa, SDB
Bispo Emérito de Humaitá

# HERÓIS AUTÊNTICOS

## Quarto Volume

Salesianos que trabalharam na Inspetoria Amazônica e faleceram na própria Inspetoria ou alhures de 1992 a 1998



## *DECLARAÇÃO*

De conformidade com as disposições da Santa Madre Igreja, declaramos que, nos fatos narrados nestes traços biográficos dos Salesianos da Inspetoria Amazônica, apenas prestamos fé humana, como a qualquer fato histórico.

*(Com aprovação eclesiástica)*

# INTRODUÇÃO

Eis mais 23 irmãos salesianos que partiram para a Casa do Pai. Somando estes aos dos três volumes precedentes, temos 200 salesianos, dos quais conheci pessoalmente 154, que formam na minha memória, um mosaico de recordações. Ao reler estes "heróis autênticos", penso sempre naquilo que eles foram para mim – exemplos edificantes – "ficai com o que é bom", o resto não me interessa, porque defeitos todos nós os temos.

Estão incluídos os últimos dois "Reitores-Mores" que passaram por estas terras da Inspetoria de Manaus, que neste ano comemora os seus 40 anos de fundação.

Pela primeira vez, acrescentamos as notícias do senhor Joaquim Mataix Molina, VOLUNTÁRIO, que sempre trabalhou em nossas casas, fazendo a mesma vida nossa: práticas de piedade, leitura, Missa, meditação... refeitório. É um voluntário bem diferente dos outros, e por isso merece estar entre os salesianos.

Estes traços biográficos são resumidos, mas suficientes para lembrar estes nossos irmãos falecidos, e chamá-los presente em nossas orações e nas intenções das Santas Missas.

## PALAVRAS DO SANTO PADRE

## JOÃO PAULO II

### Na homilia da Santa Missa em Manaus, aos 11 de julho de 1980

"Uma palavra ainda, uma comovida homenagem aos milhares de missionários que, desde os anos da descoberta até hoje, labutaram em toda a extensão do Brasil e, principalmente na região Amazônica — *praedicaverunt verbum veritatis et genuerunt ecclesias* (pregaram a palavra da verdade e geraram igrejas: Santo Agostinho). Quantos vieram de suas pátrias, na Europa, para nunca mais voltar; quantos esgotaram rapidamente suas jovens energias, consumidos pela fadiga e pelas doenças; quantos encontraram a morte tragados pelas águas ou dormem o último sono em qualquer túmulo, sem nome, em um pedaço da imensa floresta! Eu me ajoelho diante de cada uma dessas sepulturas e mais ainda diante de cada uma dessas figuras de missionários, homens como nós, com defeitos e fraquezas, engrandecidos, porém, pelo testemunho do dom pleno de si mesmos às missões. São nossos precursores: não cedais nunca à fácil tentação de pensar que a missão começa conosco, mas apoiai-vos sobre o muito que vos deixaram estes vossos irmãos. Sejam também, muitos deles que hoje contemplam a face de Deus, vossos intercessores".

# ÍNDICE


01- Pe. Luiz Ricceri-
6º Sucessor de D.Bosco: ..... † Roma ..... 14-06-1988. ..... pág. 07

02- Sal. Coadj.Guido Mora ..... † Manaus ..... 25-04-1992-82a. ..... pág. 09

03- Pe. Teodolindo Novello ..... † Belém ..... 03-06-1992-68a. ..... pág. 11

04- Pe. Sebastião
Assis Carvalho ..... † Rio de Janeiro . 08-07-1992-65a. ..... pág. 14

05- Sal. Coad. Domingos Serra ..... † Manaus ..... 04-11-1992-83a. ..... pág. 17

06- Pe. Efigênio dos Passos ..... † Barbacena ..... 11-12-1992-68a. ..... pág. 20

07- Pe.Vitório di Bitonto ..... † Ananindeua ... 12-07-1993-79a. ..... pág. 22

08- Sal. Coadj.
Leonardo Bologna ..... † Civitanova ..... 10-09-1993-80a. ..... pág. 25

09- Sal. Coadj.
João Tosini ..... † Milão ..... 09-12-1993-77a. ..... pág. 28

10- Pe. Eduardo Lagório ..... † Manaus ..... 10-02-1994-84a. ..... pág. 31

11- Pe. Luiz Marinho Falcão ..... † Recife ..... 28-02-1994-70a. ..... pág. 33

12- Dom Ladislau Paz ..... † São Paulo ..... 24-06-1994-92a. ..... pág. 36

13- Pe. João Batista Costa ..... † Recife ..... 28-10-1994-74a. ..... pág. 40

14- Pe. Humberto
Filippelli ..... † Castellammare 04-12-1994-78a. .... pág. 43

15- Pe. Paulo Leandro Góis, ..... † Recife ..... 09-04-1995-79a. ..... pág. 45

16- Pe. Egídio Viganó-
7º Sucessor de Dom Bosco ..... † Roma ..... 23-06-1995-75a. ..... pág. 48

17- Pe. Guilherme
Gabbianelli ..... † Roma ..... 23-03-1996-84a. ..... pág. 52

18- Dom João Batista Costa ..... † Porto Velho .... 16-04-1996-94a. ..... pág. 54

19- Sal. Coadj. Theotônio Ferreira ... † São Gabriel .... 05-06-1997-100a. .... pág. 57

20- Pe. Pascoal M. Jalongo ..... † Turim ..... 06-10-1997-73 a. ..... pág. 61

21- Pe. Ângelo Spadari ..... † Manaus ..... 12-10-1997-87a. ..... pág. 64

22- Pe. Francisco Bigiaretti ..... † Manaus ..... 02-05-1998-94a. ..... pág. 67

23- Voluntário
Joaquim Mataix Molina ..... † Manaus ..... 25-11-1996-86a. ..... pág. 70

## 1 – Pe. LUIZ RICCERI
## 6º Sucessor de Dom Bosco

* Mineo-Catânia:08-05-1901
(88 anos)
† Castellammare de Stabia:14-06-1988

Pe. Luiz Riceeri nasceu em Mineo, Catâni pequeno centro agrícola, aos oito de maio de 1901. Pequenos episódios dos anos juvenis lhe fizeram descobrir aos poucos a vocação que o prenderam para sempre na Congregação Salesiana. Conheceu Dom Bosco através do Boletim Salesiano e do encontro com um clérigo salesiano que animava os jovens de sua aldeia. Em 1914 decidiu-se a entrar no colégio de São Gregório de Catânia.

Em 1915 começa o noviciado, e, aos 9 de maio de 1917, era já salesiano de Dom Bosco. Os oratórios festivos, foram os primeiros campos de suas atividades. Em 1920 é destinado à casa de Randazzo, onde se ambientou muito bem. De 1921 a 1925, fez os estudos teológicos e ordenou-se sacerdote.

Em 1935, foi feito diretor de casa de Palermo por cinco anos. Em 1940, foi transferido ao colégio de Messina.

Nos tempos difíceis de 1942 a 1948, dirigiu a Inspetoria subalpina. De 1948 a 1951, foi diretor de case de Novara.

De 1951 a 1952, de casa de Milão. Foram períodos de sacrifícios que ele soube enfrentar.

Em 1952, Pe.Ziggiotti o chamou a fazer parte do Conselho Superior, como encarregado dos cooperadores e de imprensa.

Deu novo impulso às *Leituras Católicas* com "Meridiano 12", o meridiano que passa por Roma, símbolo, de fidelidade ao Papa.

Em 1965, foi eleito Reitor-Mor, na idade de 64 anos, no Capítulo Geral 19º. Desde a primeira votação era previsto.

Pela confiança que nele depositaram, escolheu pessoalmente os quatro conselheiros gerais, novos cargos criados.

No Capítulo Geral de 1971, foi reeleito. Assim desempenhou o cargo de Sucessor de Dom Bosco de 1965 a 1977.

Assumiu a direção no período após o Concílio Vaticano II.

Ele o enfrentou com toda a confiança no Senhor e na proteção da Virgem Auxiliadora.

Depois de eleição alguém afirmou o que o Pe. Céria disse de Dom Bosco: "É um homem volitivo, de idéias claras e de coração puro". No tempo dele, na Casa geral foi aberto, no histórico Capítulo Geral, o trabalho delicadíssimo de reelaboração das Constituições, conforme o Concílio. No segundo sexênio guiou com mão segura o processo de renovação. Enfrentou o problema do salesiano coadjutor. Iniciou a reestruturação de nossa Universidade. Iniciou a comunicação social na Congregação. O mandato de Reitor-Mor do Pe. Luiz Ricceri foi uma bênção para a Família Salesiana. De 1978 a 1989, Pe. Ricceri fez tesouro de sua ancianidade. Na Exortação Apostólica de João Paulo II sobre os leigos, fala-se também da missão dos anciãos na Igreja. Nesta exortação podemos ver que "a missão dos anciãos na Igreja, é apostólica e missionária". Quantas recordações e belos exemplos nas suas "Memórias!!".

Deixou anotações com reflexões e propósitos feitos nestes anos de ancianidade, feitos nos retiros trimestrais e anuais.

A mensagem final na primeira boa noite como Reitor-Mor: "Com Dom Bosco vivo hoje, perante as exigências do nosso tempo e na expectativa da Igreja". Nele brilha uma convencida sinceridade ao brilho do Fundador, considerado sempre como Pai amadíssimo. A simplicidade de sua vida interior mostra uma espiritualidade profunda e substancial.

O Papa escreveu: "a caridade não conhece descanso, mesmo em certa idade, mas conhece novos modos". Assim, Pe. Ricceri, continuou a testemunhar a caridade pastoral do espírito salesiano, olhando serenamente para a morte, com a atitude de um justo.

Testemunha luminosa na comunidade. De 1978 a 1989, Pe. Ricceri entesourou admiravelmente a experiência da ancianidade, como diz o Papa: "na velhice ainda darão muitos frutos". "Deus, nos diz Dom Bosco, nos quer todos santos". Eis a mensagem que nos, deixa Pe. Ricceri. Admiremos o testamento do Pe. Ricceri e pratiquemos esta sua mensagem. Ele nos pediu fraternos sufrágios. Respondamos: eu farei todo o possível para lembrá-lo continuamente em minhas orações.

## 2 – SALESIANO COADJUTOR GUIDO MORA

* Bogolino-Brescia-Itália: 20-03-1911
(82 anos)
† Manaus: 25-04-1992

O salesiano coadjutor Guido Mora, nasceu em Bogolino-Brescia-Itália, aos 20 de março de 1911, filho de Antônio Mora e Margarida Scalvini. Foi batizado logo no dia seguinte ao nascimento, tradicional e belo costume das verdadeiras famílias católicas. O provérbio diz: "de manhã se conhece o dia".

Ele passou pelo aspirantado missionário Cardeal Cagliero de Ivrea, entrando em 1927. Esta casa de formação nunca exaltada demais, pelas muitas e beneméritas vocações que sustentaram o peso da nossa Inspetoria Amazônica. Já em 1931, faz o noviciado em Jaboatão, outra casa de formação quase centenária que deu frutos abundantes.

Senhor Mora fez a primeira profissão aos 29 de janeiro de 1932, e a perpétua em Belém do Grão Pará, aos 13 de março de 1938. Passou por várias casas ocupando sempre postos de responsabilidade. Foi livreiro, por dois anos; provedor por 6 anos; por 22 anos professor e assistente.

Educador firme e compreensível, preparado nas matérias que lecionava, de bom exemplo, observante das Santas Regras e sempre na prática do nosso sistema preventido. Nos sete anos de inspetor, nunca tive a mínima queixa dele.

Em 1957, quando acompanhei o saudoso Reitor-Mor Pe. Renato Ziggiotti em visita paterna à nossa Inspetoria, senhor Mora estava em Barcelos. Executou à perfeição cantos recreativos inclusive o Hino Nacional, que lhe mereceram os elogios do Reitor-Mor. De 1988 até a morte esteve na casa Domingos Sávio de Manaus, fazendo companhia ao saudoso Pe. Miguel Ghigo.

Quando assistente, muitas vezes de noite nos dormitórios foi visto com o terço na mão. A mesma coisa nos últimos, anos, quando estava em Domingos Sávio, em Manaus. Esta belíssima prática mariana, tipicamente salesiana, pois foi recomendada por Dom Bosco, está se enfraquecendo. As novas gerações, porém, devem agarrar-se a ela para fortalecer sua vocação.

Duas vezes, passando por Manaus, Sr. Mora veio comigo para tirar-lhe uma dúvida. Na divisão dos bens de família coube a ele uma pequena parte. Perguntou-me então que devia fazer. Respondi que falasse com o superior e o que ele dissesse estava bem feito. Pelo fato de ter-me perguntado duas vezes sobre o mesmo assunto, vê-se como era delicado de consciência.

Dom Bosco na primeira conferência que fez aos coadjutores, disse: "preciso de vocês para desempenhar vários ofícios nas casas." A mesma coisa deu-se com o Inspetor da Inspetoria Amazônica: "eu, preciso de um livreiro, de um despenseiro, de um enfermeiro, assistente, professor de educação física, de mestre de canto. "Parece-me ouvir a voz do senhor Mora: "eis-me aqui, pode dispor de mim". QUE MARAVILHA! Salesiano disposto a tudo, para o bem de todos.

Era em todo o momento um autêntico assistente salesiano, principalmente no pátio com os alunos e oratorianos. Era querido pelos jovens e sabia cativá-los, levando-os para Deus.

Ao senhor Mora, a nossa gratidão e nossas preces; a nós a saudade e os belos exemplos de vida cristã e salesiana que nos deixou.

## 3 – PE. TEODOLINDO NOVELLO

* Martignocco-Udine: 04-02-1924
(68 anos)
† Belém-Pará: 03-06-1992

Pe. Teodolindo Novello nasceu em Martignocco-Itália, aos quatro de fevereiro de 1924, filho de João Novello e Ana Pilosio. Em 1948 entra no famoso Aspirantado Missionário Cardeal Cagliero de Ivrea. Faz o noviciado em Villa Moglia, fazendo a primeira profissão aos 16 de agosto de 1953, e a profissão perpétua aos 15 de agosto de 1959. Chegou ao Brasil aos 16 de novembro de 1953, e logo foi fazer a filosofia em Natal:1954-1956. Fez o tirocínio em Baturité e no colégio do Carmo em Belém. Cursou a teologia no Pio XI na Lapa, São Paulo, recebendo a ordenação sacerdotal das mãos de Dom Pedro Massa, aos oito de dezembro de 1963. Já sacerdote, realizados seus sonhos, agora é fazer produzir os dons que Deus Nosso Senhor lhe deu.

Nos vinte e nove anos de sacerdócio, foi por dois catequista; por três diretor, e por 22 anos ECÔNOMO!!! Metido no "esterco do demônio", e não se sujou!!! Para mim é um caso único, não conheço outro padre que tenha sido por tantos anos ecônomo. Este é um dos motivos porque nós devemos rezar por ele, e devemos apontá-lo aos nossos ecônomos como modelo de administrador. NINGUÉM É DONO.

Conheci muitíssimo Pe. Novello, especialmente quando passei uma temporada no colégio Dom Bosco de Porto Velho. No refeitório, olhos atentos para que nada faltasse, e não houvesse reclamação. Na capela, sempre pontual às práticas em comum. Na reza do Ofício Divino, ouvia-se bem clara a voz dele. Na concelebração, sempre recolhido e fazendo a leitura bem pausada para que pudesse ser entendida. Sempre ao lado de Dom João Batista Costa ao qual entregava a túnica e a estola e depois a recebia.

Naquele semblante muito sério e austero escondia-se um grande coração, uma grande alma de apóstolo, um salesiano que fazia questão de honrar a Congregação e a Igreja.

Ecônomo de mãos cheias, depositando as mensalidades dos

alunos num banco que mais fazia render. Embora metido na administração, sempre desapegado de tudo, e comigo mais de uma vez desabafou quando via despesas inúteis, falta de economia especialmente em viagens e descuido das coisas da comunidade. Se às vezes fazia críticas, eram sempre construtivas. De estatura alta, acima de muitos, parecia penetrar os céus onde se atinge a verdadeira e espiritualidade.

Em fevereiro de 1992, quando Pe. Novello foi transferido para Belém e partiu, Dom João Batista Costa numa carta me dizia: "com a saída do Pe. Novello, PERDI UMA MÃE". Esta frase diz tudo e mais alguma coisa a respeito deste nosso caro irmão, falecido.

Lia bastante e assim estava ao par do que se passa na Congregação e na Igreja. Durante a semana celebrava na capela interna; nos domingos, porém, celebrava na paróquia ou em alguma comunidade, fazendo a homilia simples e prática que era desejada por todos os ouvintes.

Pe. Novello foi encontrado morto no quarto, e no momento em que o diretor da casa estava em Manaus para um encontro.

A experiência e a doutrina dos Santos nos dizem que a morte improvisa é freqüente nos religiosos, para que eles, que pregam, estejam preparados e na graça de Deus dêem também o bom exemplo. "Muitos morrem de repente e improvisamente, pois quando menos se espera, virá o Filho do Homem... Melhor é fazer oportunamente PROVISÃO DE BOAS OBRAS, e enviá-las adiante de nós que esperar pelo socorro dos outros" (*Imitação de Cristo*)".

Dom João Batista Costa contou-me que quando Pe. Novello viajou para Belém foi se despedir dele, ajoelhou-se, tomou a bênção, beijou-lhe a mão, mas sem pronunciar palavra. Sabendo que morrera de morte repentina, frequentemente pensava nele e rezava. Quando foi na noite do trigésimo dia da morte, sonhou com ele e lhe perguntou: "já está no Paraíso?" Ele respondeu: "ESTOU SALVO".

Pe. Novello participou da segunda guerra mundial como mecânico de aviões, e foi no fim desta que desabrochou a vocação salesiana e sacerdotal. Era uma segurança na casa; sem deixar faltar nada, controlava tudo numa forma tal que podíamos ficar despreocupados, sempre tudo dava certo. Homem de

poucas palavras, não gostava de exibir, ocupava porém todo o tempo livre respondendo às numerosas cartas que recebia, dando conselhos.

Verdadeiro assistente salesiano, passava o recreio no meio dos meninos, orientando e assegurando a disciplina. "Um jovem ZÉ LUIZ enviou um fax de condolências, que os salesianos em formação saibam se espelhar em pessoas como os salesianos que estão indo, pois precisamos aqui no mundo de pessoas deste tipo".

A Inspetoria de Manaus e a Congregação perderam um grande salesiano que sempre se comportou como verdadeiro filho de Dom Bosco. Adeus, Pe. Novello, partiste; obrigado pelo seu BOM EXEMPLO.

## 4 – PE. SEBASTIÃO ASSIS CARVALHO

* Caiana-Minas:15-10-1927
(65 anos)
† Rio de Janeiro: 08-07-1992

Pe. Sebastião Assis Carvalho nasceu a 15 de outubro de 1927, em Caiana-Minas, filho de Idalino Carvalho e Maria de Assis Carvalho. Entrou no colégio salesiano de Jaciguá-ES em 1940. Fez o noviciado em Pindamonhangaba em 1946. Fez a primeira profissão a 31 de janeiro de 1947. A profissão perpétua a fez em Krisnhagar (estado de Bengala) na Índia, a 8 de dezembro de 1952. Cursou a filosofia em Lorena de 1947 a 1949. Fez o primeiro ano de tirocínio em Goiânia, em 1950. O segundo e o terceiro em Krisnhagar. Fez a teologia em Shillong de 1953 a 1956. Ordenou-se aos sete de dezembro de 1956 no mesmo lugar.

Após a ordenação trabalhou como coordenador da pastoral e pároco em várias cidades da Índia, até 1976.

Voltou depois para o Brasil, para rever os parentes. Vendo que aqui nós precisávamos de pessoal mais do que lá (foi ele mesmo quem o disse), decidiu ficar aqui, e optou para trabalhar na Diocese de Humaitá.

Estando na Índia, escreveu um romance histórico: "Os Hugolinos". Para a impressão conseguiu uma ajuda de fora.

Apaixonado pelos cantos religiosos, cuidou do livro "Cantemos ao Senhor", que está na 32ª edição (em outubro 1998), e está espalhado em todo o Brasil, e sempre mais procurado.

Preparou também a música dos mesmos cantos, e foi a São Paulo para cuidar da impressão. Em junho de 1992 lhe comunicaram que o orçamento devia ser aumentado de muito, devido ao aumento do preço do papel. Este foi o motivo da sua ida a São Paulo e depois ao Rio para ver os parentes.

De 1977 a 1986, trabalhou na Diocese de Humaitá, como vigário geral, diretor da comunidade.

De 1987 a 1988, trabalhou em Ariquemes como encarregado e vigário. De 1990 a 1991, trabalhou em Manicoré como encarregado e Vigário. Em 1992 trabalhava na paróquia de São João Bosco em Porto Velho, como vigário paroquial.

Nos anos que trabalhou na Diocese de Humaitá, distinguiu-se pela bondade, apostolado, atendimento cuidadoso dos fiéis, pela pobreza e simplicidade.

No começo compramos uma mobilete, para lhe facilitar o apostolado. Na "Toca da Onça", estrada de Manaus, construiu um grande galpão para reunir os colonos. A estrada, porém, ficou interditada, os colonos se retiraram, e ele também abandonou o galpão. Este trabalho foi feito à custa dele.

Uma vez, de moto, teve um desastre e foi jogado no chão.

Horas depois foi socorrido por pessoas que passavam com uma camionete. Já estava no estado de coma. Restabeleceu-se, mas tomou o propósito de nunca mais viajar com a mobilete. Começou fazer suas pequenas viagens com a bicicleta.

Quando lhe pediam um favor, que podia fazer nunca, dizia NÃO. Os últimos dois anos: 1990 e 1991, esteve em Manicoré como vigário e encarregado da comunidade. Foi ele que me convidou para a comunidade de Manicoré, depois que entreguei a Diocese ao meu sucessor. Na saída de Manicoré deixou muita saudade. Muitos choravam e diziam: "que padre bom era Pe. Sebastião".

Pe. Sebastião se interessou muito pela implantação da "BOA NOVA", na Diocese de Humaitá. Para isso foi a Caratinga e conseguiu um grupo de leigos bem formados que viessem fazer os primeiros cursos. A Boa Nova ficou bem organizada, mas depois em algumas comunidades deixou de funcionar por falta de assistência e de interesse.

Com licença dos superiores, ele movimentava as entradas da venda dos livros e dos direitos autorais. Na última vez que falou comigo, disse: "até agora todas as minhas viagens, inclusive quando voltei da Índia, não foram de peso a ninguém, mas sempre com as entradas da venda dos livros".

Nas homilias falava com simplicidade, contando sempre algum episódio interessante, mantendo os ouvintes sempre atentos. Muitas vezes, depois do almoço, fazia limpeza no jardim ou trabalhava na horta, ou mesmo fazendo outro trabalho manual. Ultimamemte, devido ao cansaço, ficava um pouco esquecido.

Pe. Sebastião sofria muito quando via certos abusos e transgressões das santas regras e dos regulamentos. Não deixava

de chamar atenção, com bons modos, para que as coisas corressem bem. Lembro-me que três vezes nasceu uma discussão na mesa, sobre falta de observância. Ele, levantou-se, foi buscar o regulamento e provou que o que estava afirmando estava certo.

Na celebração da Santa Missa, animava os cantos, entusiasmava o povo. Vi várias vezes com o terço na mão, e fazendo as visitas tradicionais dos salesianos, depois das refeições, ao SSmo. Sacramento; isto fazia bem a ele e a quem o observava.

Depois de tantos anos passados na selva amazônica, viajou para ser atropelado na "Cidade Maravilhosa"!!! Como são os desígnios de Deus!

Quando recebemos a notícia da morte "DESASTRE", um salesiano comentou: "deve ter sido um atropelamento, pois ele costumava ir sempre a pé, nas pequenas distâncias, e sempre um pouco ligeiro."

"Um gesto de amor", toda a vida dele foi realizada neste gesto que só os simples sabem explicar. O que é grande aos olhos de Deus, é confundível aos olhos dos homens. Era chamado o padre da bondade. Seu apelido carinhoso sobretudo pelos jovens, era "Bastiãozinho". Uma coisa que ensinava a todos era: "diante das dificuldades, permanecer calmo, sereno e humilde". Pe. Sebastião tinha algo que atraía o povo. A residência do vigário era sempre aberta ao povo e todos eram atendidos, e saíam alegres, felizes e cativados por sua bondade e por seu amor. Quanto ao trabalho paroquial, era um trabalho aberto. Os líderes das comunidades sentiam força, segurança, confiança. Ele confiava nos leigos. Por isso era chamado padre "da bondade".

"Pe. Sebastião, recebe os sufrágios e orações dos teus irmãos da congregação, da Diocese de Humaitá, pelo bem que fizeste! Partiste, querido Pe. Sebastião, deixando saudade!

Nós não te esqueceremos, e tu faze o mesmo conosco. Descanse em paz."

*No dia quatro de abril de 1998, em Manicoré, foi inaugurada uma escola para curso primário com o nome: Pe.Sebastião Assis Carvalho, como homenagem pelo bem que fez na paróquia de Manicoré, onde era chamado: "Bastiãozinho".*

## 5 – SALESIANO COADJUTOR DOMINGOS SERRA

* Monasterolo di Sevigliano-Cuneo:17-01-1909
(83 anos)
† Manaus: 04-11-1992

Seus pais foram Domingos Serra e Lizia Craveiro.

Domingos Serra entrou como aspirante coadjutor na casa dos Becchi, no tempo em que era diretor aquele benemérito salesiano que foi o Pe. Virgínio Battezzati. Em 1935 fez o pedido para as missões, foi atendido e destinado para o Rio Negro. Juntou-se aos quatro que tinham a mesma destinação, reunidos no Instituto missionário Cardeal Cagliero de Ivrea. Foi lá que o conheci em agosto de 1935.

Fomos juntos a Valdocco e recebemos o crucifixo, nos quartos de Dom Bosco, das mãos do Catequista Geral Pe. Pedro Tironi, Passamos a visita militar e embarcamos no dia 1º de setembro de 1935, chegando em Recife no dia 9, tendo sido recebidos pelo inspetor e futuro Bispo de Guiratinga, Dom José Selva. Éramos em quatro vindos da Itália. Três já faleceram, será a minha vez, na partida para a casa do Pai.

Começamos o noviciado cinco meses antes. Senhor Serra um dia foi mandado pelo mestre dos noviços na marcenaria para colocar cabos em algumas enxadas, pois ele não tinha nenhum ofício. Na marcenaria estava o mestre Pedro Miele, virtuoso salesiano e competente na arte. Ele viu logo o jeito do senhor Serra, e começou ensinar-lhe o ofício. No fim do ano já estava bastante adiantado.

Durante o noviciado foi meu monitor e eu dele, de modo que nos entendíamos muito bem. Fez a primeira profissão aos 15-9-36 em Jaboatão. A segunda e a terceira fez na Bahia: em 1939 e 1941.

Uma vez fomos passear na praia de Boa Viagem. Contemplamos de perto o mar, lavamos os pés, mas tomar banho... não era permitido, e se obedecia à disposição. Naqueles tempos...

Terminado o noviciado foi enviado para Salvador para, se aperfeiçoar no ofício onde encontrou novamente o senhor Pedro Miele. Aprendeu a tocar na banda tornando-se mestre. Tornou-se mestre de marcenaria e de primeira categoria como foi defi-

nido pelos irmãos. Pouco depois foi transferido para Recife, como mestre da marcenaria e responsável por todas as oficinas e mestre de banda.

Os alunos aprendizes gostavam dele porque sabia ensinar e lhes dava bom exemplo. Era um verdadeiro educador. Na igreja no meio dos alunos edificava vê-lo fazer a meditação, rezar, fazer freqüentes visitas ao SSmo. Freqüentemente conversava com os alunos, dando-lhes conselhos e corrigindo-lhes os defeitos, sempre em particular e com toda a caridade. Impunha-se no meio dos alunos pela competência no oficio e pela probidade de vida. De 1949 a 1957, trabalhou nas oficinas do Recife.

Em 1957, tive de tomar uma providência que desagradou aos irmãos coadjutores da comunidade, porque por motivos conhecidos somente por nós dois tive que transferi-lo para Santa Isabel do Rio Negro. Estava em perigo a vocação dele. Somente afastando-o do ambiente, removendo a ocasião, se conseguiria salvá-lo. Ele aceitou a transferência para bem longe e me agradeceu muitíssimo. Porém alguns coadjutores da comunidade começaram dizer: "Pe. Inspetor quer acabar com as oficinas, porque lhe tira o responsável, o mestre mais competente". O fato está que com a transferência salvei a vocação dele, e ele ficou muitíssimo agradecido pelo resto da vida.

Fazia a leitura do necrológio no refeitório de tal modo que todos a pudessem ouvir com clareza, isto como se fazia antigamente. Vi-o muitas vezes de noite nos dormitórios com o terço na mão. No noviciado duas vezes fez um discurso sobre Nossa Senhora, que foi muito apreciado. Várias vezes o vi representar no palco, agradando a todos.

Guardava grata recordação dos salesianos, superiores e irmãos, que muito contribuíram para a formação dele. Tinha um sorriso especial, que parecia confirmar o que dizia.

Era edificante em Recife ver senhor Serra tomando conta da Companhia de São José dos aprendizes. Animava as academias, e preparava com sucesso a festa do Padroeiro da Igreja Universal: São José.

Dois anos antes de morrer, quando o visitei pela última vez, conversando e relembrando os tempos idos, deixando cair umas lágrimas, me agradeceu de todo coração pela mão que lhe estendi, tirando-o daquela ocasião.

Adeus, senhor Serra, adeus. Vivemos juntos, fomos monitores, nos aconselhamos, alcança-me de Nossa Senhora que possamos estar juntos no Paraíso.

De Santa Isabel do Rio Negro foi transferido para São Domingos Sávio de Manaus e depois como porteiro para a casa inspetorial, ofício que não é fácil. Cumpria bem o ofício sendo mesmo o GUARDIÃO DA CASA INSPETORIAL. Partiste... ADEUS.

## 6 – PADRE EFIGÊNIO DOS PASSOS

* Jaboticatuba – MG: 21-12-1924
(68 anos)
† Barbacena:11-12-1992

Pe. Efigênio dos Passos nasceu aos 21 de dezembro de 1924, em Jaboticatuba, MG, onde foi batizado aos 31 do mesmo mês. Eram seus pais João Alexandre dos Passos e Marieta Augusta dos Passos. Passou sua infância em Santo Antônio do Amparo, onde era pároco seu irmão, o Pe. Pedro. Fez seu aspirantado em Lavrinhas, de 1939 a 1942. O noviciado, fê-lo em Pindamonhangaba, em 1943, passando depois a Lorena, para fazer o curso de filosofia, de 1944 a 1947. Em 1947 e 1948 fez seu tirocínio em Cachoeira do Campo indo depois para o Instituto São Francisco de Sales, no Rio de Janeiro. Os estudos teológicos foram feitos na Lapa, em São Paulo, de 1950 a 1953. Foi ordenado sacerdote pelo Cardeal Carmelo de Vasconcelos Mota, seu parente em Jaboticatuba no dia 8 de dezembro de 1953.

A operosidade incansável e a sua criatividade foram a grande característica da vida do Pe. Efigênio. Mesmo semi-paralítico por derrames seguidos, não cessava de trabalhar. Arrastava-se até a pequena oficina a que ele pôs o nome de "Artesanato São Domingos Sávio". Uma olhada na sua folha de serviço à Congregação, mostra que ele foi daqueles que morreram na brecha, trabalhando até o último minuto.

Apenas ordenado sacerdote, trabalhou em Paraguaçu como conselheiro escolar de 1954 a 1958.

> *Depois foi para Porto Velho, Rondônia, inspetoria de Manaus, onde foi professor, vigário cooperador e missionário itinerante por dois anos consecutivos. Em 1961 foi para o Colégio do Carmo, em Belém do Pará, onde ficou até 1968, exercendo funções de Conselheiro, Catequista, Professor. Lembrava sempre e com muita saudade e alegria os tempos passados no Carmo, onde animava fanfarras e desfiles. Orgulhava-se de ter sido amigo de Jarbas Passarinho e professor de Fafá em Belém. Característica dele nestes tempos passados na Inspetoria de Manaus: "alegria e seriedade" nos estudos sendo muito respeitado pelos alunos. Nas pregações era apreciado porque simples e agradável, ao alcan-*

*ce de todos. Pe. Efigênio foi o homem do povo sentindo-se sempre realizado no meio dele. Fez questão de ser útil até o último dia.*

Depois trabalhou na favela de Jacarezinho onde foi vigário e diretor de promoção humana. Ficou no Rio de 1969 a 1987.

Em 1992, a pedido da comunidade de Barbacena, foi passar seus últimos meses nos trabalhos sacerdotais. Otimismo e alegria: característica do salesiano. O certo é que estava sempre com o sorriso nos lábios, e tinha sempre uma resposta pronta para os noviços e para suas brincadeiras. Coração oratoriano. Foi no oratório que Pe. Efigênio despejava seu ser salesiano.

No dia de seu sepultamento, foi obrigatório o canto: "Deus salve o Oratório", que ele gostava de cantar e o enchia de sorrisos.

Homem de grande atividade. Pe. Efigênio deve ter sofrido muito as conseqüências da paralisia. Não escondia a ansiedade em não poder-se locomover com rapidez ou manusear suas muitas ferramentas. Mas nunca perdeu sua alegria, seu otimismo, seu bom humor.

Quem quiser ver se um salesiano ama mesmo os garotos é só testá-lo no oratório festivo. Pois foi no oratório que Pe. Efigênio despejava seu ser salesiano, Santo e sofrido, lúcido e inteligente, ardoroso na fé. Não sabia dizer não a quem o procurava. Não se esquecia dos amigos. Era sempre confiante na Virgem Auxiliadora.

"Aprendi do Pe. Efigênio que tudo na vida deve tornar-se um ato de genuína religiosidade", dizia um ex-aluno do oratório.

Já no tempo de formação inicial, distinguia-se pela inteligência e facilidade nos estudos. Nunca, porém, fez alarde disto. Pelo contrário era simples na organização de sua vida, no relacionamento com os outros, na piedade.

"Sempre me impressionou o seu jeito de ser, suas brincadeiras e seu gesto de estar no meio dos meninos", assim disse um cooperador salesiano.

## 7 – PE. VITÓRIO DI BITONTO

* Barletta-Bari-Itália: 08-07-1915
(79 anos)
† Ananindeua-Pará:12-07-1993

Pe. Vitório nasceu aos oito de fevereiro de 1915,14º filho de uma família modelar. 15 filhos, sendo dois sacerdotes e duas irmãs. Foi batizado aos 28 de fevereiro de 1915 e crismado em 1923. Entrou no colégio salesiano de Bari. Fez o noviciado em Pórtici e professou aos 12 de dezembro de 1932. Fez a profissão perpétua aos 25 de junho de 1938. Foi ordenado sacerdote do Altíssimo, aos 23 de junho de 1940.

De 1940 a 1968, trabalhou em várias comunidades na Itália.

Em 1968 veio para o Brasil, trabalhando no Mato Grosso, no Rio Negro, e de 1974 a 1986, em Calama.

Pe. Vitório era prestativo, atendia alegremente, sempre que era possível. Um exemplo. O zelador da capela de Santa Ana na ilha de Onças se transferiu para Esperança, acima de Calama, levando o sino da capela, que tinha até o nome gravado, para se recompensar pelos cuidados que teve da capela. Escrevi ao Pe. Vitório, dando pistas para recuperá-lo. Ele falou com o delegado de Calama, e depois de muito tempo e muito trabalho, nos recuperou o sino, com muita alegria da comunidade. Sempre alegre e com seu modo de falar, mais os gestos e a mímica, conservava a comunidade sempre alegre.

Dom João Batista Costa me escreveu aos 3 de setembro de 1993, dizendo-me: "Pe. Vitório era um homem BOM, passando assim pela vida sem fazer mal a ninguém. Ousaria dizer ou repetir as palavras de Jesus quando encontrou-se com Natanael. Um homem sem pretensões. Para ele tudo era bom. Viveu longos anos no interior da Diocese, e nunca se ouviu uma queixa de seus lábios. Tudo era bom... mas quantos sacrifícios!!!

Mostrou sempre um grande zelo pelas almas, as ovelhas de sua paróquia que visitava com freqüência. Os limites de sua paróquia era o Estado. Como filho de uma Congregação de educadores, muito se interessou pela formação da juventude, que não podia deixar o campo pela cidade para estudar, levou para

lá o curso ginasial... Por esse interesse, as autoridades governamentais o ajudaram muito e assim lhe foi possível construir um campo de voleibol todo cimentado e iluminado. Tudo o que Calama tem hoje, deve-se ao Pe. Vitório. O povo reconhecido lhe dedicou uma praça. Nas reuniões de família, levava a alegria com a sua poesia que ele recitava alegrando o ambiente. Não me lembro de ter ouvido de seus lábios, alguma queixa contra os superiores que ele respeitava muito. Confessei-me várias vezes; sabia dar coragem e bons conselhos ao penitente. Nas dificuldades sempre inspirava a confiança em Deus. Nunca se queixou das dificuldades e depois de superá-las, dava uma risada aberta e dizia: "Tudo muito bem".

Pe. Francisco Viana, vigário de Calama, me escreveu dando muitas e consoladoras notícias. "Pe. Vitório alimentou grande amor a Calama, dedicando-se com carinho todo especial e heróico a esta comunidade. Por isso o povo o tem muito na lembrança e guarda uma grande veneração por ele. Ele queria morrer e ser enterrado em Calama. Em nome de todo o povo de Calama, queremos parabenizar a Congregação Salesiana pela pessoa, vida e ação missionária do Pe. Vitório. Em sinal de nossa gratidão, damos ao antigo prédio, reformado pelo Governo do Estado, transformado em Centro Paroquial, o nome de CENTRO PASTORAL MISSIONÁRIO PADRE VITÓRIO.

Aqui rezamos uma Missa em cada bairro de sede de Calama pelo descanso eterno do benemérito vigário. Ele tomou posse como vigário de Calama no dia de Ramos de 1974, exercendo esta função até novembro de 1986.

Sua principal obra foi a realização do projeto Casulo, para a pré-educação, escola de cinco a seis anos. No tempo dele jamais faltou alguma coisa para as crianças. Conseguiu do Governo a Escola Comercial Osório, para primeiro e segundo graus, a ponte que liga o bairro São João aos altos de São José. O posto de saúde. Conseguiu que o pagamento dos aposentados e idosos fosse em Calama. Depois de pegar por três vezes a malária saiu de Calama. Deixou muita saudade. Ele queria morrer e ser enterrado em Calama."

Fato curioso! Uma vez uma criança se perdeu na mata por ter ficado com medo da vacina. Trinta homens foram à procura e sem sucesso. Pe. Vitório rezou uma Missa, e a criança foi en-

contrada às 5 horas da manhã, na boca do Rio Machado. O povo viu nisto uma intervenção do céu.

Pe. Vitório passou os últimos tempos em Ananindeua, casa de Formação. Uma manhã, não aparecendo para a meditação, foram ao quarto dele e o encontraram morto!

Mais uma vez Nosso Senhor nos avisa: "ficai preparados, porque quanto menos esperardes, o Filho do Homem virá".

## 8 – SALESIANO COADJUTOR LEONARDO BOLOGNA

* Rimini-Itália: 20-01-1913
(80 anos)
† Civitanova: 10-09-1993

O Salesiano Coadjutor Leonardo Bologna nasceu aos 20 de janeiro de 1913, de família humilde, mas rica de fé. Aos 13 anos foi recolhido no pequeno internato que os salesianos tinham na cidade natal, onde por três anos freqüentou o instituto o profissional do estado.

Naqueles três anos, os salesianos descobriram nele a característica do trabalho e de outras qualidades próprias do salesiano coadjutor.

Foi assim que em 1929, ano da beatificação de Dom Bosco, com alegria aceitou o convite de ir para Genzano-Roma para o noviciado. No fim, achando que estava preparado, fez a profissão religiosa e foi enviado para São Benigno para se aperfeiçoar na arte de marceneiro. Terminado o curso, foi destinado para as missões do Rio Negro, e juntamente com os primeiros dois aspirantes de Gaeta chegou a Recife.

> *Trabalhou por 34 anos nas várias casas da inspetoria do nordeste. Com orgulho e saudade relembrava os trabalhos realizados na casa de São Gabriel da Cachoeira onde deixou a belíssima lembrança do forro da Catedral.*
>
> *Em 1952, trabalhou comigo em Jaboatão. Estava pronto o grande prédio do aspirantado, mas faltava a cobertura. Pedi ao Pe. Inspetor que me mandasse o senhor Bologna. Pe.Inspetor me disse: mando-lhe senhor Bologna, mas veja bem que ele quer fazer um trabalho bem-feito, e quer material de primeira.*
>
> *Aceitei. Fomos juntos numa serraria em Recife onde ele escolheu o material de primeira. Quando o material chegou na obra, ele rejeitou uma boa parte, porque fora trocado. Meteu-se no trabalho e saiu uma maravilha. Telhado elogiado por todos: uma obra como aquela, nunca vista. Esteve também, nas oficinas de Recife, Fortaleza e Salvador.*

Em 1968 voltou para a Itália, e trabalhou em várias casas até encerrar sua vida na comunidade de Gualdo Tadino.

Trabalhador - Amou o trabalho, consciente de que "o trabalho assíduo e sacrificado é uma característica que nos deixou Dom Bosco e é expressão de nossa pobreza". A alguém que lhe pedia que se poupasse no trabalho, devido à idade e à enfermidade, respondia: é agora que se dá a Nosso Senhor o melhor de si mesmo". O trabalho fazia-o sentir o gosto de viver, e enchia de alegria e sentia-se membro vivo da comunidade.

Generoso - Sempre disponível ao trabalho da comunidade. Era um salesiano que não arriava, mas animava os outros a trabalhar.

Consagrado inteiramente ao bem dos jovens - Preferia trabalhar rezando, porque a oração é mais sentida, mais viva.

Sempre me disseram e ensinaram: "santificar o trabalho".

Repetia freqüentemente o pensamento de Dom Bosco: "quem, não se acostuma ao trabalho no tempo da juventude, será um vagabundo e a desonra, de todos."

Assistência - Como o queria Dom Bosco: "Colocar os alunos na moral impossibilidade de ofender a Deus".

Na última doença, pregado na cama, oferecendo seus sofrimentos pela perseverança dos salesianos e pelos pecadores, olhava a imagem de Maria Auxiliadora, beijava-a freqüentemente e se comovia.

No dia 10 de setembro, exclamou: "tudo está terminado". E o céu se abriu para ele. Sempre alegre brincando, relembrando tantas coisas edificantes, continuava fazendo o bem.

Só quem viu e viveu com o senhor Bologna pode avaliar a grande perda que a Congregação sofreu. Porém, os frutos do bom exemplo sem dúvida despertaram vocações da têmpera do saudoso desaparecido.

Freqüentemente fazia observações construtivas "como quem tem autoridade", e eram sempre aceitas. Pelos anos que convivi com ele e o conheci, posso dizer que era um salesiano observante. Quando tomava conta de algum trabalho, se esmerava para que saísse do agrado de todos e sempre conforme a máxima economia religiosa.

Dava tudo de si para realizar o seu trabalho. Trabalhava com entusiasmo impulsividade e generosidade.

As pessoas, que trabalhavam com ele, puderam conviver mesmo com sua sensibilidade, respeitabilidade, emotividade,

seu amor educativo, sua forma gentil, sua coragem, independência, nobreza, altivez, sua lealdade e amizade. Num bilhete, ele deixou escrito: "É verdade que me entrego muito à oração, a oração que os outros fazem, na igreja ou alhures: Eu prefiro rezar enquanto trabalho, que para mim se torna mais fácil. Para mim é mais concreta, mais viva, mais sentida... Penso que o trabalho adquire maior valor. "Depois lembro-me que sempre me ensinaram a santificar o trabalho. Quando rezo durante o trabalho, lembro os jovens que trabalharam comigo. Que o Senhor me perdoe, se for falta".

## 9 – SALESIANO COADJUTOR JOÃO TOSINI

* Crevo di Godegono-Itália: 18-02-1917
(77 anos)
† Milão-Itália: 09-12-1993

O salesiano Coadjutor João Tosini era filho de Ludovico e de Giovanna Pedretti. Entrou na casa salesiana dos Becchi, aos quatro de abril de 1935. Depois de dois anos de aspirantado, começou o noviciado em Villa Moglia aos sete de julho de 1937. No ano seguinte na mesma data fez a primeira profissão.

Parte logo para o Brasil, ficando em Jaboatão, casa de formação muito conceituada. Aos oito de setembro, na mesma casa renova a profissão, e finalmente aos 31 de janeiro de 1944, se liga à Congregação Salesiana com a profissão perpétua.

Fica em Jaboatão de 1938 a 1956, tomando conta do oratório festivo, das aulas noturnas e do trabalho do campo.

Em 1957 vai para a missão de Jauareté, onde fica até 1977. Vai depois para a missão do Maturacá, onde fica até 1988. Finalmente vai para a última destinação: aspirantado de Ananindeua, onde fica até 1993.

Falei com ele pela última vez, no fim de abril de 1993, quando voltava da 31ª Assembléia dos Bispos do Brasil em Itaiei, dias antes de ele viajar para a Itália.

Senhor Tosini trabalhou comigo em Jaboatão, de 1951 a 1955, quando era diretor e mestre dos noviços. É difícil resumir em poucos pensamentos a vida exemplar deste nosso virtuoso irmão.

Em 1958 ficou muito contente, quando o irmão dele Agostinho, recebeu a obediência de trabalhar no Rio Negro.

Poderíamos resumir em alguns pensamentos, as virtudes deste nosso exemplar irmão Coadjutor.

a - Piedade - Sempre recolhido na oração, ajudando a Santa Missa, a primeira antes da comunidade, a freqüência aos Sacramentos, fiel à confissão semanal, na reza do santo terço, nas visitas ao SSmo. Sacramento.

b - Trabalho - Podemos chamá-lo "burro de carga", porque to-

pava todo tipo de trabalho. Não havia trabalho a que não se metesse: campo, lavoura, cuidado dos animais, empregados, pomar.

c - Na vida religiosa: pontualidade nas práticas de piedade e da comunidade, rendiconto mensal e bem minucioso.

d - Frase comum do senhor Tosini: "Sim, senhor". Que exemplo para tantos que tratam os superiores sem consideração, zé ninguém.

e - Tomava parte ativa nos jogos e nos recreios, como mandam os nossos regulamentos.

f - Vigilância sobre os alunos, fazendo deles sempre ótimas referências, nos escrutínios e quando lhe pediam pareceres.

g - Quando havia representação em Jaboatão, senhor Tosini tinha sempre a parte cômica e se saía sempre otimimamente e alegrando o público.

h - Ensinava bem o catecismo aos pequenos. Eu mesmo vi a atenção que os meninos lhe prestavam, e muitas vezes os levava à capela para fazerem a visita ao SSmo. Sacramento.

Era filho de Dom Bosco, para quem o descanso seria somente no céu.

Dom Bosco prometeu a seus filhos pão, trabalho, e Paraíso. O senhor Tosini trabalhou muitíssimo na nossa Inspetoria, e ela lhe deu generosamente o pão. Basta ver com que carinho os salesianos e ex-alunos o rodearam na última doença. Faltava o Paraíso. No dia 9 de dezembro, Nossa Senhora da Imaculada Conceição, veio buscá-lo para levá-lo para o céu.

Deste querido irmão todos nós guardamos uma simpática e grata recordação: simplicidade, trabalho, fé, devoção e amor a Dom Bosco, constância e fidelidade na vocação e serviço generoso aos irmãos da comunidade e dos alunos.

Filho de uma geração que aprendeu no duro sacrifício, a beleza da oblação feita por amor. O senhor Tosini nos deixa uma herança que suscita, admiração e amor.

Missionário e trabalhador, o senhor Tosini deixa-nos um exemplo de grande ardor apostólico. Quando partiu definitiva-

mente para a Itália, apresentava já algumas dificuldades de saúde, e por isso tinha sido designado para morar numa comunidade para irmãos doentes, no interior de Bologna. Depois de um derrame, foi levado ao hospital, em Milão, onde veio a falecer.

Na última carta à Inspetoria, dizia: "asseguro as minhas pobres orações a Deus, à Virgem Maria e ao Pai Dom Bosco, todos os dias por todos vocês da Inspetoria".

Esperamos que ele esteja junto do Pai e de Maria, a quem tanto amava, e interceda pela ISMA e toda, a Família Salesiana.

## 10 – PE. EDUARDO LAGÓRIO

* Viola (Cuneo) Itália: 19-03-1911
(83 anos)
† Manaus: 10-02-1994

Pe. Eduardo Lagório nasceu em Viola(Cúneo), aos 19 de março de 1911. Entrou no aspirantado de Ivrea no dia 12 de março de 1928. Fez o noviciado em Villa Moglia, fazendo a profissão religiosa no dia primeiro de novembro de 1932.

Em dezembro do mesmo ano chegou para o Brasil. Fez a filosofia em Jaboatão:1933-1934, e o tirocínio em Barcelos.

Começou a teologia no Colégio Sagrado Coração de Jesus de Recife, e foi quando eu o conheci. Continuou os estudos no Instituto Pio XI, na Lapa, de 1938 a 1941, sendo ordenado por Dom José Gaspar de Afonseca e Silva, aos 8 de dezembro de 1941. A partir desta data até a morte, trabalhou entre os Tucanos: Taracuá, Pari-Cachoeira e Jauareté.

No parecer do Pe. Antônio Giaccone e de Dom João Marchesi, aprendeu bem a língua tucana e poderia ter feito muito bem àquelas tribos. O mesmo Pe. Alcionílio o estimava muito e muitas vezes o consultava. Quando falava das tribos do Rio Negro, era sempre apaixonado, e sempre que podia tomar a defesa deles, o fazia com todas as veras do seu coração.

Uma vez, um nosso superior, visitando as missões, falando do Pe. Lagório, deixou escapar uma frase muito significativa: "Pe. Lagório, é uma inteligência perdida" ... no sentido que aproveitava pouco dos conhecimentos adquiridos sobre a língua e os costumes indígenas.

Uma vez organizou uma pequena comunidade de índios no Curicuriasí, levantando até uma escolinha. Os vários grupos lingüísticos da região o estimavam muito, e até lhe revelaram certos segredos da língua.

Conservava contatos constantes com estudiosos de fora, que tendo passado pelo Rio Negro escreviam pedindo informações.

Pe. José Sagués escreveu: "Recebi a obediência de ir a Taracuá, e lá encontrei o maior impasse ao sentir-me completamente despreparado lingüística e culturalmente. Quando sentava para confessar, os velhos índios me falavam em tukano.

Pe. Eduardo me tirou do desânimo, ficando comigo cinco meses. Foi ele quem me iniciou nos cantos e no modo de executá-los.

Também me deixou um pequeno decálogo para atender confissões e aconselhar o povo tukano. Graças a ele pude passar cinco anos na itinerância de Taracuá".

Pe. Inspetor deu-lhe licença para passar um ano no povoado de Fátima com uma pequena comunidade de quatro catequistas, para traduzir os Evangelhos em Tukano, como também recolher valioso material etno-lingüístico. Naquela residência ele levou à frente um trabalho admirável de pesquisa lingüística.

Foi naquela ocasião que, juntamente com um catequista, deu início às suas obras literárias: fábulas, mitos, folclore, ritos religiosos, danças e pajelância da tribo tukana. Assimilou entranhadamente a cultura tukana de modo que agradava a todos. Seu nome na cultura tukana era conhecido por "JU-PURI". Ele pregava e rezava a Santa Missa em língua tukana, exceto a Consagração.

Foi ouvido muitas vezes dizer: "gostaria de morrer no fundo de uma rede, no meio das crianças indígenas, em um povoado qualquer, cantando a liturgia tukana". E realmente todos os dias celebrava a sua Missa em tukano, cantando, no velho dormitório de São Gabriel da Cachoeira".

Desde 1994, começou a sentir-se cansado e com falta de ar. Ficou vários dias no hospital de São Gabriel para fazer exames e receber medicação... O médico, porém, ficou preocupado e o encaminhou para Manaus. No dia nove de fevereiro viajou para Manaus, em avião especial. A viagem foi tranqüila. Foi levado para a casa inspetorial, e parecia que tudo estava normal.

No dia seguinte, de manhã, antes da Missa, foram ao quarto e o encontraram já morto. Uma parada cardíaca!

O índio Alfredo Miguel Dontes, ao saber a notícia da morte, escreveu: "Pe. Edú um grande padre, e acima de tudo um grande homem, como também um grande coração. Um padre que esteve presente em quase toda a minha vida. Foi com ele que eu comecei a aprender e escrever na minha língua tukana".

É mais um salesiano de valor, que nos deixa. Deixa porém bons frutos entre as tribos indígenas onde ele derramou seus suores, e lançou a boa semente da Boa Nova do Reino.

## 11 – PE. LUIZ MARINHO FALCÃO

* Paudalho-PE: 25-05-1923
(70 anos)
† Recife: 28-02-1994

Pe. Luiz Marinho Falcão nasceu em Paudalho, Pernambuco, aos 25 de maio de 1923, filho de Ambrósio Marinho Falcão e Vitalina da Silva Falcão. Por motivo de trabalho, os pais foram morar na usina Mussurepe. Mais tarde, sempre por motivo de trabalho, se transferiram para a usina Salgado. Ainda pequeno, chegou a fundar e organizar um bloco carnavalesco de meninos, com bandeiras a fantasia. De pequeno já brincava de celebrar missa, freqüentava muito a igreja, participava com atenção das festas religiosas e fazia parte até do apostolado da oração.

Um dia, o Dr. Assis Chateaubriand, fundador e dono dos "Diários Associados", encontra-se com ele, e vendo a vivacidade do garoto, disse: "esse menino merece estudar. Vamos colocá-lo num colégio. Eu pagarei as despesas".

Diante desta proposta, dona Vitalina, agradecida e sensibilizada, sente perpassar-lhe uma onda de alegria. Porque freqüentava o Santuário do Sagrado Coração de Jesus de Recife, escolheu o colégio salesiano. Marinho pede para entrar no aspirantado. O desejo é acolhido pelos salesianos; assim, em 1939 entra no aspirantado de Jaboatão, onde eu era assistente da divisão dos menores, à qual ele fez parte.

Em 1943 faz o noviciado e o completa com a primeira profissão no Santuário de Nossa Senhora Auxiliadora de Jaboatão, aos 31 de janeiro de 1944.

> *Terminados os estudos filosóficos em Natal, parte para Manaus e faz com entusiasmo o tirocínio prático. Foram três anos, de 1947 a 1949. Além da assistência e das aulas, se dedica ao oratório que vai ser a razão principal do Pe. Marinho. Este amor aos oratorianos vai ser sempre um toque característico de sua vida salesiana. Viveu voltado para os pequenos e menos favorecidos. Identificava-se com eles. Misturava-se facilmente, com os alunos e oratorianos. Os meninos se aproximavam e brincando diziam: "senhor Marinho, quando é que o senhor cresce mais?".*

Aos 31 de janeiro de 1950, faz a profissão perpétua e parte para o Instituto Pio XI da Lapa. Finalmente, após quatro anos de estudos sérios, é ordenado sacerdote aos 8 de dezembro de 1953, com a imposição das mãos de Dom João Rezende Costa sendo padrinho o seu grande benfeitor, o Dr. Assis Chateaubriand. Cantou sua primeira Missa na cidade de Paudalho. A cidade enganalou-se para receber o filho Padre.

De 1954 até a morte trabalhou em várias casas como coordenador pedagógico, pároco em três paróquias, animador da pastoral, da catequese. De 1981 a 1989 como coordenador da pastoral e do oratório.

Este rico currículo foi sempre vivido com grande espírito de doação, de alegria, de amizade. Sabia fazer amigos com facilidade. Ficam as lições de vida que com sua vida semeou.

Valorizou seu sacerdócio vivendo-o intensamente no atendimento a todos os apelos e levou a todos o lenitivo da esperança.

Nunca dizia "Não" aos apelos que lhe chegavam freqüentemente. Sua última missa foi no dia 6 de fevereiro, na usina Salgado, onde fez sua primeira comunhão e onde há 30 anos presidia a festa de Nossa Senhora do Ó, padroeira do lugar. Depois desta festa, já em cadeira de rodas, dividia sua vida entre a enfermaria do colégio e os hospitais.

No dia da morte do Pe. Marinho, um menor agrediu uma senhora ameaçando cortar-lhe o pescoço com um gargalo de garrafa. Aquela senhora mantém a calma. Tenta convencer o seu pequeno agressor a desistir dessa ação brutal. A certa altura diz: "Eu trabalho com o Pe. Marinho, com os meninos pobres do Oratório". Aquele garoto, ao ouvir o nome "Padre Marinho", ficou parado, estático. Depois jogando fora a arma, abraça e beija aquela senhora, chamando-a de "tia" e pedindo-lhe desculpa!

Na última doença Pe. Marinho foi visitado por um oratoriano; pensativo, o menino falou: "Padre, o senhor precisa ficar bom para cuidar dos oratorianos, pois o senhor é o pai que Deus nos deu".

Cultivou desde criança uma devoção filial a Nossa Senhora. Uma prova está nestes versos: "Viver // por ti // de uma esperança infinita // é consagrar meu futuro // És tu esta Madona que nos embala // na manhã da vida // .

No dia da morte um ex-aluno do oratório dizia: "sempre trabalhando no meio das crianças, sempre no meio delas, especialmente os mais simples e humildes.. "Aí estava o segredo do Pe. Marinho: as crianças. A alegria era a sua grande arma.

Pe. Marinho, teve o dom de atrair a todos. Disto foi prova patente o funeral. O Santuário do Sagrado Coração e Jesus, numa tarde de trabalho, ficou lotado com pessoas de diferentes idades e categorias.

Pe. Marinho, vítima da insuficiência cardíaca, partiu. Resta-nos a esperança de que dos céus ele continua olhando, amando e protegendo os oratorianos *da centenária casa que é o Colégio do Sagrado Coração de Jesus de Recife.*

Pe. Marinho nos deixa uma herança de uma vida de fidelidade e amor à Congregação no trabalho incansável e sacrificado em favor dos jovens: uma vida doada com alegria e para o Reino!

1 - Pe. Marinho deixa a lembrança de perene jovialidade.

2 - Outra sua marca característica era sua dedicação à educação. Deu-se sempre muito bem com o povo de nossas paróquias.

3 - Mas seu amor especial era aos meninos do oratório.

4- O esporte como fator educacional, foi sua preocupação constante de educador.

Ele deixa na inspetoria do nordeste e do norte a lembrança de sua alegria contagiante, da bondade e simplicidade de seu coração, que nunca guardou mágoas nem ressentimentos.

Pe. Marinho, no sábado 26 de janeiro, submeteu-se a mais uma operação cirúrgica na outra perna, depois de alguns dias passados no Prontocor, por causa de problemas cardíacos.

Profundamente abalado, não conseguiu se recuperar.

Nas primeiras horas do dia 28 de fevereiro, o senhor Jesus o chamou para a Casa do Pai.

## 12 – DOM LADISLAU PAZ

* Taubaté-SP: 29-06-1903
(92 anos)
† São Paulo: 24-06-1994

Dom Ladislau Paz nasceu em Taubaté, SP, no dia 29 de junho de 1903. Foram seus pais Júlio Paz e Manoela Sastre Paz. Foi batizado na cidade de São Manoel no dia 10 de novembro de 1903, e crismado em São Paulo no dia 24 de setembro de 1916.

Aos 12 anos de idade entrou no Liceu Coração de Jesus, SP, em 1915. Freqüentou o oratório festivo, as escolas profissionais e era coroinha do Santuário Sagrado Coração de Jesus, sob a direção do zeloso Sr. João Pinto Ferreira. Em 1918, foi para o seminário Salesiano São Manoel de Lavrinhas, onde fez os cinco anos do curso ginasial. No dia 27 de janeiro de 1923 entrou para o noviciado de Lavrinhas, fazendo a primeira profissão religiosa aos 28 de janeiro de 1924. Também em Lavrinhas fez os estudos de filosofia (1924-1925). Sempre em Lavrinhas fez o tirocínio prático (1926-1928). De 1929 a 1932, estudou teologia na Itália, Turim-Crocetta, onde teve a oportunidade de conhecer os que conviveram com Dom Bosco, e dos quais procurou imitar o apego ao espírito salesiano.

Durante a teologia, era secretário do Pe. Pedro Rota, que muito o conhecia; e depois do Pe. Ziggiotti, que o substituiu.

Ordenado sacerdote na Basílica de Maria Auxiliadora em Turim, aos 03-07-1932, pelo Cardeal Maurílio Fossati.

De volta para o Brasil, foi conselheiro em Lavrinhas, coordenador de pastoral em Niterói. Diretor de Lavrinhas, mestre de noviços em Pinda, diretor de Lorena, e depois Inspetor de Recife, a mais extensa Inspetoria da Congregação pois ia de Salvador a Jauareté, fronteira com a Colômbia.

Em 1955, foi escolhido como bispo auxiliar de Corumbá, e ordenado em Recife aos 12-10-1955, por Dom Antônio de Almeida Lustosa, arcebispo de Fortaleza. Em 1957, com a transferência de Dom Orlando Chaves para Cuiabá, foi nomeado Bispo residencial de Corumbá.

Participou das quatro sessões do Concílio Vaticano II.

Em 1978, torna-se emérito e vai para Pindamonhangaba; depois, passa os últimos anos no Liceu Coração de Jesus de São Paulo, como confessor.

Pelo seu trabalho de promoção humana, mereceu altas distinções, entre elas: Oficial da Ordem do Mérito Militar e Grande Oficial do Mérito Naval.

Conheci Dom Ladislau quando inspetor de Recife. Foi ele que me nomeou Diretor e Mestre dos noviços em Jaboatão, em 1951. Em 1955, quando foi eleito Bispo, sucedi-o na Inspetoria de Recife.

O que posso dizer de Dom Ladislau é o seguinte. Foi um religioso modelar, observante, de grande vida interior, exato nas cerimônias da Santa Missa e na administração dos sacramentos. Amante da vida religiosa. Nos cinco anos que estive no aspirantado de Recife como responsável, quando lhe falava de algum aspirante que deixava muito a desejar ele me dizia: manda-o embora. A mesma coisa se deu quando eu era mestre dos noviços. Uma vez, enquanto ele fazia a visita às missões, dois clérigos foram afastados por faltas gravíssimas. Quando ele voltou da visita, apoiou a resolução tomada. Até à morte, sempre usou a batina preta ou branca.

Por ocasião das Assembléias dos Bispos em 1994, o salesiano que tomava conta dele me contou que no dia de Páscoa, com os paramentos pontificais, concelebrou do trono, no Santuário Coração de Jesus do Liceu.

Ele e Dom João Batista Costa assumiram um compromisso: o primeiro que falecesse receberia do outro a aplicação de 10 Santas Missas. No começo de junho de 1994, estando em Porto Velho, Dom João escreveu uma carta a Dom Ladislau, dando-lhe os parabéns pelo próximo aniversário (29-06), e lembrava o compromisso. Eu também assinei a carta, dando-lhe os parabéns.

Dom Edvaldo Gonçalves Amaral, assim lembra dom Ladislau: "Dom Ladislau encarnou para mim, jovem sacerdote, a figura do salesiano fiel. Fiel em seus compromissos, por pequenos que fossem; escravo do horário (diria "até demais"). Fiel a Dom Bosco e à Igreja, da qual sempre foi humilde servidor. Fiel às Constituições, às orientações dos Superiores, ao seu cargo, ao trabalho de cada dia, com método, com despojamento.

Foi firme, sem deixar de ser paterno. Trabalhou muito pelas vocações, sem esquecer os outros setores de ação salesiana. Foi prudente, sem ser tímido nem duvidoso. Foi decidido na solução dos mais atribulados problemas, sem ser precipitado. Soube escolher com acerto seus colaboradores e nomear Superiores das comunidades, sem deixar de ouvir os pareceres e opiniões de seus conselheiros.

Não deixou a lembrança de realização de notáveis obras materiais, exceto a construção do grande aspirantado de Carpina, que foi o sonho de seu inspetorado, sonho demorado, , que não teve a satisfação de ver completamente realizado. Deixou-o inacabado para seu sucessor, Dom Miguel D'Aversa. A Inspetoria estava no pós-guerra (1946/1955), e fomentavam as mudanças que iriam desembocar na grande renovação do Vaticano II. Dom Ladislau sucedeu ao termo rígido do Pe. Guido Barra e soube com bondade e firmeza, fiel à sua formação com as novas gerações no aspirantado e noviciado, em São Paulo, levar a nossa Inspetoria na fidelidade a Dom Bosco, no apreço à Regra, na preservação da sadia tradição, até a uma equilibrada disciplina e a uma saudável convivência. Foi um tempo relativamente tranqüilo, de espírito comunitário e de crescimento da Inspetoria, antes das borrascas da era pós-conciliar.

Seu exemplo de observância estrita, de seriedade, de trabalho e de humildade, sem grandes arroubos e rasgos de eloqüência na modéstia e humildade de suas cartas circulares, iluminava toda a Inspetoria e era forte estímulo para nós, das novas gerações, a viver seu modelo de salesianidade. Em todos nós estudantes de filosofia, tirocinistas e teólogos daqueles anos tranqüilos, a figura de PADRE INSPETOR era o modelo de como ser filho de Dom Bosco em nosso tempo e em nossa realidade".

Por ocasião do XVIII Capítulo Geral dos salesianos, em que ele tomou parte, ao chegar no Oratório de Turim, encontrando-se com o Ecônomo Geral, Pe. Giraudi, este brincando disse: "FINALMENTE TEMOS A PAZ EM CASA".

Dom Ladislau faleceu às 16:20 horas, do dia 24 de junho de 1994, às vésperas de completar 91 anos.

Foi velado e também houve Missa de corpo presente, no Santuário do Coração de Jesus.

Foi sepultado no jazigo dos Salesianos, no cemitério do Santíssimo Sacramento, em São Paulo, embora conforme o cânon 1242, devesse ser sepultado na Catedral de Corumbá.

No dia 25 de junho, o Papa enviou através da Nunciatura, um telegrama de pêsames ao Bispo de Corumbá. Vários bispos salesianos fizeram o mesmo.

Atesta o irmão salesiano que cuidava dele, que o enxoval de Dom Ladislau era de uma pobreza franciscana!

## 13 – PE. JOÃO BATISTA COSTA

* Pocinhos-Pernambuco: 24-06 -1920
(74 anos)
† Recife-Pernambuco: 28-10-1994

Pe. João Batista Costa nasceu em Pocinhos, aos 24 de junho de 1920, filho de Lebânio Pereira da Costa e Vicência de Jesus Pereira da Costa.

Pela primeira vez se encontrou com os salesianos, na então Escola Agrícola São Sebastião, em Jaboatão, no começo de 1935, onde começou o ginásio.

O vigário dele lhe deu uma carta de apresentação que vale a pena transcrevê-la: "Se amparei e auxiliei este jovem, é porque vi claramente o chamado divino manifestado no seu comportamento irrepreensível, no seu zelo pelas coisas de Deus no seu interesse em aprender as cerimônias litúrgicas, na conservação da sua inocência aos 14 anos, na sua capacidade intelectual". Pela manhã se conhece o bom dia, diz o provérbio.

Na mesma casa fez o noviciado, coroando-o com a primeira profissão, aos 31 de janeiro de 1940.

Na mesma casa fez o primeiro e segundo ano de filosofia, em 1940-1941. Fez o terceiro em Natal, para onde foi transferido o curso de filosofia.

> *Fez o triênio prático de 1943 a 1945, no colégio Dom Bosco de Manaus, dando também aula no seminário diocesano, confiado aos salesianos, pelo nosso grande ex-aluno Dom João da Mata Amaral. O irmão do Pe. João, Dom Manoel Pereira, me disse que quando recebeu a destinação que trabalharia no seminário, se sentiu muito honrado de poder trabalhar pelo clero diocesano. De fato, empenhou-se e se esforçou para ensinar a Sagrada Escritura, pela qual ele sempre teve uma grande paixão. Ensinava, também, cerimônias e tudo o que diz respeito ao altar.*

Fez a teologia no Pio XI, de 1946 a 1949, sendo ordenado sacerdote aos 08 de dezembro de 1949.

A carreira do Pe. João Batista foi muito variada.

Por três vezes foi vigário. Por cinco vezes foi vigário paroquial. Por quatro vezes foi diretor em várias comunidades. Em três comunidades foi confessor. Em vários lugares, professor. Em 1970,

fez um ano de experiência fora da comunidade, em Salvador.

"Comunicado do Pe. Inspetor Valério Breda à Inspetoria.

Após uma cirurgia do fêmur, no mês de setembro, a forte fibra do Padre João ficou profundamente abalada. O agravamento da situação física geral, com complicações cardíacas e pulmonares, o levou repentinamente ao fim, que aconteceu no dia 28 de outubro de 1994, às 10:00 horas.

Como Salesiano apaixonado pela sua vocação, ele foi, entre nós, homem de renovação, de testemunho corajoso e vigoroso, espoliado e rude na busca da transparência, audacioso e desprendido no diálogo com o 'povo'.

Foi o homem da 'Dei verbum' : amante da Escritura e culto nas ciências bíblicas.

Foi o homem da 'Lumem Gentium': dinâmica e apaixonadamente fiel à Igreja, com total doação apostólica no serviço presbiteral e magistral.

Foi o homem da 'Gaudium et spes': em diálogo com a modernidade, sintonizado com tudo o que faz o 'encantamento' do mistério da vida humana redimida."

O clérigo Luiz Baronto, SDB, estudante de teologia, assim se expressou ao receber a triste notícia:

"Eis que adormece diante de nós um PEQUENO-GIGANTE. Pequeno-gigante porque apesar de seu vasto conhecimento, soube estar entre os pequenos, partilhando com eles sua experiência e sabedoria acumuladas.

Pequeno-gigante porque, sentindo no corpo o peso da doença e do sofrimento, nunca deixou de bendizer a Deus pela vida. Pequeno-gigante porque, mesmo com a formação recebida, soube acompanhar o devir de novos tempos e acolher seus valores e inquietudes. Pequeno-gigante porque soube passar dos estudos acadêmicos para a periferia de Recife, assumindo o jeito simples de ler e viver a Bíblia na América Latina.

Pequeno-gigante porque, não obstante os anos que lhe pesavam, era entre nós, jovens formandos, a figura do amigo e do irmão.

Pequeno-gigante porque soube encontrar na Palavra de Deus não uma palavra que justificasse atitudes, mas uma palavra portadora de conversão da mente e do coração.

Pequeno-gigante porque era ele, ao mesmo tempo, o nosso patriarca conselheiro e o irmão que se punha a emprestar seu

sábio aos nossos desabafos.

Pequeno-gigante porque, ao mesmo tempo, rico em sabedoria e pobre por coerência e convicção.

Enfim uma figura contrastante do pequeno-gigante: a pujança no desejo de anunciar Jesus e a simplicidade dos gestos, como alguém que amava profundamente Aquele que foi sempre a razão de sua vida e missão. Deixa para nós aulas de Bíblia em palavras e acima de tudo em gestos coerentes de vida.

Que nosso Pequeno-gigante, descanse em paz".

Pe. João Batista Costa – da carta mortuária

Ao longo dos anos e da vida religiosa e de sacerdócio, não lhe foi custoso aceitar e se adaptar às exigências da pobreza porque, sendo seus pais humildes agricultores, nasceu pobre e nesta escola se formou desde sua infância.

Os anos de tirocínio (1943-1945), doado totalmente à prática da pedagogia salesiana, no exercício do magistério, ele os viveu em Manaus no Colégio Dom Bosco. Estes anos lhe serviram de preparação para o curso de Teologia no Instituto Pio XI, São Paulo com início em 1946, vindo a concluir sua formação teológica com a ordenação Presbiteral no dia 8 de dezembro de 1949.

Ele mesmo disse em carta a um seu Superior: "Tenho caminhado um pouco, sobretudo depois do Concílio Vaticano II e por ele despertado".

Era diretor do Colégio Pe. Rolim, de Cajazeiras, 1957-1959, ocasião em que é fechada a Obra e interrompida a presença salesiana naquela cidade paraibana. Foi esse um momento de cruz para o diretor e para os irmãos que com ele vinham conduzindo em favor do povo e particularmente da juventude não só de Cajazeiras, mas até mesmo dos estados vizinhos. Hoje, depois de 35 anos, o povo recorda a dor da grande perda que foi o fechamento. O Pe. João, embora chorando por dentro, obedeceu sem alegar razões, às ordens de seu superior.

1983-1994, os anos que marcam a longa e meritória tirada apostólica do Padre João, como vigário paroquial em Jaboatão.

"Viver, para servir mais e melhor aos seus irmãos" - Resumo da vida.

Muitas vezes à noite, na capela da casa inspetorial, luzes apagadas, e ele em oração. Interrogado pelo Inspetor respondeu: "Vou lhe dizer o que rezo: Senhor, se queres, podes me curar".

## 14 – PE. HUMBERTO FILIPPELLI

* Guardia Sanframondi: Nápoles: 08-08-1916
(78 anos)
† Castellammare di Stabia: 04-12-1994

Pe. Humberto Filippelli é mais um herói autêntico que tomba depois de ter trabalhado muito na nossa Inspetoria Amazônica, e ter edificado a todos nós com sua vida sacerdotal e religiosa exemplar.

Pe. Humberto foi meu companheiro no Aspirantado de Gaeta, onde entrou em 1933. A primeiro de abril de 1934, quando fomos a Roma para a Canonização de Dom Bosco, éramos 150 aspirantes. Esta casa que deu tantas vocações, em 1994, não está mais no Catálogo Geral da Congregação!

Veio para o Brasil e fez o noviciado em Jaboatão, outra casa quase centenária, e sem vocações!

Fez o noviciado e professou aos 31 de janeiro de 1940. Fez os três anos de filosofia e depois partiu para o tirocínio prático que fez em Baturité e Jaboatão.

Fez os estudos teológicos no Pio XI, alto da Lapa em São Paulo, naqueles tempos heróicos, quando os teólogos saíam bem preparados para entrar na luta pelo reino de Deus.

Ordenou-se aos 08 de dezembro de 1949.

Começou logo a trabalhar em Santa Isabel de Tapuruquara em 1951. Depois foi para Pari Cachoeira em 1952. Passou depois dois anos em São Gabriel da Cachoeira, e finalmente foi para Porto Velho, trabalhando em várias atividades de 1956 a 1981.

Dom João Batista Costa atesta que por 12 anos foi vigário da Catedral de Porto Velho. Zeloso, correto, afável, deixando a todos contentes. Trabalhou na igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, querendo imitar São Marcos de Veneza, na margem direita do Rio Madeira, olhando para o Rio. Trabalhou na igreja de Nossa Senhora das Graças. Trabalhou na Prelazia, por mais de 20 anos. Nas várias vezes que voltou à Itália, sempre dizia que não voltaria mais, mas depois a saudade... o fazia voltar.

Na última carta que escreveu dizia que teria voltado ... mas não voltou. Zeloso e amante da liturgia, deixava a todos

contentes. Um padre que não deu trabalho nem ao superior religioso nem ao Bispo.

Beleza, sacristão da Catedral, diz: Fez a gruta de Nossa Senhora de Lourdes. Construiu a igreja da Rigolândia, de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Aumentou a igreja de São Francisco e levantou a torre. Trabalhou na igreja da Sagrada Família no pedacinho de chão. Trabalhou também na igreja de todos os Santos e do Bom Pastor. Cuidou muito dos Marianos, Filhas de Maria, Vicentinos. Os membros das várias associações gostavam muito dele, porque sabia formá-los e acompanhá-los.

Dona Joelina, secretária: Grande vigário, organizador, de tudo. Mantinha religioso respeito e exigia muito respeito na igreja, chegando a dizer às mães que levavam crianças, que choravam na igreja, que era muito melhor ficar em casa, mas não levar as crianças para a igreja. Falava e tomava providência contra a imodéstia do vestir. Tinha uma voz melodiosa, sabia tocar bem, cantava animado e muitas vezes durante a Santa Missa deixava o altar ia ao harmônio, tocando e animando. Os membros das várias: associações eram pessoas comprometidas com a Igreja. Deixou muita saudade. Contava que a mãe dele quando Humberto era ainda pequeno, teve um sonho, e pareceu de ver Nossa Senhora que abençoava a todos da família, mas pousava a mão direita sobre a cabeça do pequeno Humberto... sem dúvida era para dizer que ele teria uma vocação especial, como se quisesse dizer: este terá uma vocação especial. Construiu em Tucumãozal, sempre em Porto Velho, uma caprichada capela em forma redonda, dedicada a São João Batista.

Era muito devoto de Nossa Senhora, e freqüentemente se via com o terço na mão. Sempre recomendava aos fiéis, esta bela devoção mariana. Freqüentemente falava das Dores de Nossa Senhora, e ele mesmo cuidava muito do altar dedicado a Nossa Senhora das Dores, na catedral de Porto Velho.

A devoção que tinha à paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, o levou a instalar nos muros que rodeiam a quadra da Catedral, as 14 estações da Via-sacra, virados para dentro.

São quadros em mosaicos, bem artísticos, de 45 por 75 centímetros.

Eu mesmo tive a dita de ver fiéis, mesmo em dias de semana, parando na frente dos quadros, em breve meditação.

## 15 – PE. PAULO LEANDRO GÓIS

* Itabaiana-Sergipe: 28-06-1916
(79 anos)
† Recife-Pernambuco: 09-04-1995

Pe. Paulo Leandro Góis era irmão do Pe. Antônio José Góis, apóstolo dos Yanomami do Rio Mataurá.

Filho de Valentim José Góis a Genoveva Mária do Sacramento, nasceu aos 28 de junho de 1916 em Itabaiana, Sergipe.

Entrou no aspirantado de Jaboatão, onde à sombra do Santuário de Nossa Senhora Auxiliadora fez o curso ginasial. Na mesma casa fez o noviciado, coroando-o com a primeira profissão aos 28 de janeiro de 1934, ano da canonização de Dom Bosco. Na mesma casa fez o curso filosófico, sendo ao mesmo tempo professor dos aspirantes.

Em abril de 1938, fez parte dos salesianos que abriram a casa de Cajazeiras, na Paraíba.

Foi meu colega no estudantado teológico quando, ele aos domingos, ia ao oratório da paróquia Santa Teresinha.

Ordenou-se sacerdote aos 8 de dezembro de 1943.

Uma vez ordenado, desenvolveu seu ministério em várias casas da Inspetoria de Recife. Depois veio trabalhar na então Prelazia de Porto Velho, campo santificado pelo heroísmo de tantos nossos irmãos, que regaram com seu suor o trabalho apostólico.

No tempo em que trabalhou na Prelazia de Porto Velho, distinguiu-se "como missionário do mato".

Preferiu sempre trabalhar no interior ao rio, "preferiu sempre o chão ao rio".

Aproveitava toda carona: caminhão, carro, cavalo, bicicleta. Desenvolveu um trabalho apostólico admirável: catequizando, instruindo, educando, corrigindo os abusos. Piedoso e amigo de todos. Anotava e registrava escrupulosamente o seu trabalho apostólico, e outros acontecimentos, dignos de serem conhecidos.

Padre benemérito, piedoso, fazendo bem a todos, sendo grande devoto de Nossa Senhora Auxiliadora e de Dom Bosco.

Na Inspetoria Salesiana Missionária da Amazônia, Pe. Paulo viveu de 1955 a 1975. Seu campo de trabalho foi Rondônia.

Como missionário itinerante, bem ao gosto de sua missão de andarilho. Entrou em contato com a mais variada cultura, visitando os casebres. Para todos tinha uma palavra de resposta às suas inquietações e ansiedades. Era sempre uma presença bem esperada em qualquer lugar. No cumprimento do seu dever, não media sacrifícios, para chegar aos mais necessitados. Com o sol e com a chuva, com seu terço na mão.

A comunidade de Porto Velho, era uma comunidade singular. Muito distante da sede inspetorial, comunicações raras, lentas. Pois bem, enquanto viveu Pe. Paulo foi sempre o indispensável elo de união e de animação que nos impressionava: "Ad meliora cotidie".

Conhecia bem a história de Juazeiro e do Pe. Cícero, e falando dele, dizia que era um padre zeloso, apostólico, amigo dos pobres e devoto de Nossa Senhora das Dores. Às vezes, porém, se deixava influenciar pelos políticos.

Nas conversas, às vezes dava uma pequena gargalhada, que tornava a conversa mais amena.

Nos três meses que ficou na casa Inspetorial de São Paulo para tratamento de saúde, saía a pé, sem incomodar a ninguém. Falava pouco, porque não conhecia quase ninguém do tempo dele na Lapa. Deu provas de praticar a pobreza até ao extremo.

Uma vez, quando ia celebrar a Santa Missa, ouviu tocar uma melodia do Natal e deixou escapar esta frase: Esta melodia me fez celebrar a Santa Missa com maior fervor.

Era muito piedoso e às vezes até escrupuloso, chegando às vezes, quando rezava a Missa sozinho, a repetir as palavras da consagração. Meticuloso, fazendo questão de não incomodar a ninguém. Trabalhador e de bom espírito.

Na última vez que conversei com ele em São Paulo, foi em abril de 1994, quando ele estava em São Paulo, na casa inspetorial, doente. Conversando comigo, me fez várias perguntas sobre os lugares por ele percorridos na então Prelazia de Porto Velho, relembrando algumas pessoas mais conhecidas.

Era domingo de Ramos de 1995, quando a liturgia da Igreja nos introduzia na contemplação do mistério da Paixão, da

Morte e Ressurreição de Cristo. Como o Apóstolo São Paulo, o nosso irmão Paulo, por sua vocação acostumado ao sofrimento trazia em seu corpo sinais evidentes da Paixão de Cristo.

Por volta, da meia-noite do dia 8 para 9 de abril de 1995, reproduzia-se entre nós a cena do Evangelho.

Dom João Batista Costa, emérito de Porto Velho, que o conheceu durante 20 anos, disse que Pe. Paulo foi um sacerdote que não deu trabalho nem ao prelado nem ao superior religioso. Sempre na linha do bom exemplo.

"Sacerdote de Deus e do povo,
Enviado aos jovens e pobres,
Buscava unicamente as almas,
Sempre em longas caminhadas."

Mais um herói que se vai, deixando-nos saudade!

## 16 – PE. EGÍDIO VIGANÒ

* Sóndrio-Itália aos 26-07-1920
(75 anos)
† Roma-Itália: 23-06-1995

Reitor-Mor dos Salesianos por três períodos consecutivos: 1977-1995. Sétimo sucessor de São João Bosco, pai e centro de unidade da Família Salesiana.

No dia da Solenidade de Maria Auxiliadora de 1995, um mês antes da morte, durante a visita "ad limina" dos bispos do Norte I, os quatro bispos salesianos fomos visitar Dom Viganò que estava na clínica. Logo que nos viu, ainda do fundo do corredor, numa cadeira de rodas, acompanhado pelo enfermeiro, pois fora fazer massagens e exercícios, levantou a mão. Quando chegou perto de nós, o saudamos, dando-lhe os parabéns pela solenidade de Maria Auxiliadora. A nossa conversa foi breve, mas deu para lembrar a cada um de nós, episódios de encontros pessoais.

Padre Egídio Viganò nasceu em Sóndrio aos 26 de julho de 1920, filho de Francisco e Maria Enriqueta Viganò. Era primeiro dos dez irmãos. Deles 3 sacerdotes salesianos e uma irmã clarissa.

Quando pequeno, adoeceu gravemente, tanto assim que a mãe dele, o ofereceu a Nossa Senhora com estas palavras: "Concede-me a graça da cura. Não será para mim mas para Ti". Agora compreendemos como a Mãe celeste tomou a sério a palavra da mãe terrena. Por isso a primeira carta que Dom Viganò escreveu como Reitor-Mor é dedicada a Nossa Senhora: "Maria nossa Esperança".

Elogios ao Pe. Viganò, recolhidos no "Osservatore Romano":

1 - Experto da Conferência Episcopal Chilena, Medellín, Puebla, Santo Domingo.

2 - Grande Chanceler da Pontifícia Universidade Salesiana.

3 - Por dois anos presidente da União Geral dos Superiores maiores.

4 - Conhecido como teólogo da Vida Consagrada.

5 - Membro eleito pelo Papa, tomou parte nos últimos seis sínodos.

6 - "O desaparecimento do Pe.Viganò, deixa um vazio enorme entre as 17 congregações, religiosas masculinas e femininas, institutos seculares e associações laicais que constituem a grande Família Salesiana.
Pe. Viganò foi guia e mestre. Deus Nosso Senhor lhe deu uma clara e brilhante inteligência que lhe permitia ver logo os problemas e resolvê-los".

7 - Com seu sorriso, semeou a esperança no coração dos jovens.

8 - Possuía a arte de fazer brilhar os corações dos jovens.

9 - Era fácil à amizade, à convivência fraterna, à alegria.

10 - Contemplativo da grandeza da natureza, especialmente das montanhas e do esporte.

11 - Um protagonista no caminho da Igreja.

12 - Uma inteligência original.

13 - Um sucessor de Dom Bosco a serviço da Igreja.

14 - Testemunha autêntica e entusiasta da vida religiosa.

15 - Homem de cultura, enfrentando problemas difíceis.

16 - É o segundo fundador da União dos Ex-alunos salesianos, com mão segura, com inteligência. Sob a guia dele, a União cresceu, não somente em número mas especialmente na qualidade. O segredo de tudo isso foi o testemunho de sua fé.

## O QUE DISSE A IMPRENSA DE PE.VIGANÒ

1 - "Zeloso sacerdote, generosamente comprometido na nova evangelização do mundo contemporâneo e precioso colaborador da Sé Apostólica" (*Papa João Paulo II*).

2 - "Uma celebração que soube criar um sentido de pertença à Igreja, uma celebração simples mas intensa, que soube recriar o clima da família, típico da espiritualidade salesiana, mas projetado sobre a grande família salesiana".

3 - "Cultivar a alegria do amor de Deus, e a segurança do triunfo do bem, parecia-lhe o que mais convém a um educador de jovens: por isso foi entusiasta divulgador, ao lado da 'via crucis', e da 'via lucis', um itinerário de meditação juvenil sobre a ressurreição".

4 - "Pai sempre pronto a responder a todo desejo e ir ao encontro das necessidades espirituais do Instituto com prudente sabedoria".

5 - "O Pe. Egídio Viganò foi um filho espiritual de Dom Bosco: filho, discípulo convicto, intérprete que sabia convencer o prolongamento de sua paternidade. De muitas de suas realizações e qualidades fala-se nestes dias. Mas é a vocação salesiana a graça que envolve todas numa certa fisionomia".

6 - O serviço de autoridade que o Pe. Viganò, Reitor-Mor dos salesianos, foi altamente benéfico para a Congregação, e por conseguinte, para a Igreja Universal. Dois aspectos sobressaem: GUIA E MESTRE. De Dom Viganó conservo sete cartas, que me respondeu quando lhe enviei algum livro que tinha escrito. Uma vez comentou a frase: "Bispo Emérito mas não APOSENTADO". Outras vezes comentava nossos encontros. MUITA SAUDADE!

7 - "A releitura do carisma de Dom Bosco, atuada através de dois critérios 'conciliares' (a volta às fontes e adaptação às modificadas condições de tempo), promoveram uma nova carteira de identidade salesiana, as Constituições renovadas de 1984, obra colegial do Capítulo Geral, obra pessoal de Pe. Viganò. Que nos deixa duas indicações operativas de grande atualidade: a educação dos jovens à fé, e a participação de muitos leigos no espírito e na missão de Dom Bosco (mesmo na específica ação missionária, como o projeto África, o projeto China... o projeto Rússia)!

## *ADEUS*

Depois da Santa Missa celebrada pelo Vigário e concelebrada por duzentos entre sacerdotes e bispos, seis jovens salesianos pegaram o caixão, sobre o qual estava a estola e o missal, e o levaram até à porta, enquanto a multidão dos fiéis que estava na basílica, batia palmas...

Em seguida, a banda de música do Dom Bosco de Nápolis tocou a música do "Giú dai colli"... que em 1934, foi executada por milhares de vozes, quando a urna de Dom Bosco, era levada de Valsálice a Valdocco, para a Basílica de Maria Auxiliadora para os festejos da Canonização. Assim cantaram durante todo o percurso até chegar às Catacumbas de São Calisto, onde foi tumulado ao lado do Pe. Luiz Ricceri. "Partiste, querido Pe. Viganò, tu que foste para a Família Salesiana o COMPANHEIRO DE EMAÚS, e para muitos de nós e também para a Igreja e para a tua Pátria". No dia 24 de julho, celebrei a Missa de 30ª na Basílica de Maria Auxiliadora - pequena homilia de 5 minutos.

## 17 – PE. GUILHERME GABBIANELLI

* Frascati: 29-04-1912
(84 anos)
† Roma: 23-03-1996

Entrou no Aspirantado de Gaeta em 1930 e fez parte da primeira turma de aspirantes daquele aspirantado, que foi aberto no ano anterior, ano da beatificação de Dom Bosco.

Em 1934, esteve com os demais aspirantes em Roma para a canonização de Dom Bosco, em primeiro de abril, e também na audiência que o Papa Pio XI concedeu a todos os alunos salesianos presentes em Roma. Fez parte da primeira turma que fez a vestição. Alguns partiram para as missões. Entre eles estava o Pe. Guilherme e mais outro, que foram destinados para o Brasil. A turma despertou muito entusiasmo entre os colegas, especialmente porque escreviam contando o que se passava: língua, clima, mata... Estas cartas eram lidas nas companhias e comentadas, o que despertava cada vez mais entusiasmo, especialmente naqueles que estavam mais próximos da nova vestição.

Desde o aspirantado se distinguia pelos brinquedos, tomando sempre parte ativa, especialmente na barra a bandeira. No verão, com o calor que fazia, quando depois do recreio ia para o estudo, foi visto juntar o suor numa garrafinha... era bastante gordo. Muito ativo nas companhias religiosas, que tanta vida davam no aspirantado!

Durante o recreio, gostava de passear com os superiores.

Quando estudante de filosofia em Jaboatão, além do estudo da filosofia, dava aula aos aspirantes. Via-se como os aspirantes gostavam dele, brincavam com ele, e lhe faziam perguntas mesmo fora de aula.

Fez a teologia em São Paulo de 1940 a 1944. Durante este tempo, aos domingos ia ao oratório, como vários teólogos, alegrando os meninos com muitos atrativos.

Fez o tirocínio no Colégio do Carmo em Belém do Pará.

Como sacerdote, trabalhou no colégio Dom Bosco de Manaus, e depois por três anos foi vigário em Manicoré, de 1965 a 1968.

Nos três anos que trabalhou em Manicoré, na paróquia, deixou boas recordações. Cantos bem executados, pois sabia tocar bem o harmônio, e tinha uma voz melodiosa.

Na matriz fez janelas venezianas de cimento, e foi ele mesmo que as fundiu.

Todos os adultos falando dele, dizem que era muito exigente na ordem e na disciplina, nas aulas de catecismo. Muito zeloso, respeitando a todos, sempre alegre e brincando com as crianças. Zelou muito pelo ensino do catecismo.

Voltou para a Itália e ficou sempre na casa Teresa Gerini, ajudando na paróquia, nas confissões, atendendo a alguma capelania, dando aula de religião. Sempre muito prestativo, atendendo a certos pedidos que lhe dirigiam, mesmo do Brasil.

"Sacerdote salesiano missionário, apóstolo da devoção a Nossa Senhora, gastando o resto de suas forças, fazendo e distribuindo terços para os fiéis. Que Nossa Senhora o tenha acolhido no Paraíso, depois de tantos trabalhos para a difusão do Santo Rosário" (estas palavras estão na fotografia-lembrança da Missa de 7º dia).

## 18 – DOM JOÃO BATISTA COSTA, SDB

* Luiz Alves-SC: 22-12-1902
(94 anos)
† Porto Velho-RO: 16-04-1996

De família profundamente cristã, nasceu em Luiz Alves SC, aos 22 de dezembro de 1902, filho de Luiz Costa e Esperança Lazaris. Em 1918, já estava no aspirantado de Lavrinhas, sob a direção do grande e virtuoso salesiano, o futuro Dom Antônio de Almeida Lustosa. Sempre em Lavrinhas, fez o noviciado, coroando-o com a profissão religiosa aos 28 de janeiro de 1925.

Fez os dois anos de filosofia e o tirocínio na mesma casa. Depois foi estudar teologia no Instituto Internacional da Crocetta, em Turim, de 1929 a 1932.

Foi ordenado sacerdote, aos 9 de julho de 1933, em Turim, na Basílica de Maria Auxiliadora.

Celebrou a primeira Missa na matriz de Canale D'Agordo, terra natal de seus pais, rodeado pelos tios e primos. Quem ajudou a Santa Missa foi o seminarista da mesma aldeia, Albino Luciani, que mais tarde seria o Papa João Paulo I.

Voltando para o Brasil, foi professor no Instituto Pio XI, na Lapa. Depois diretor da Escola de Campinas, diretor do colégio do Rio Grande, e por último Diretor do Liceu Coração de Jesus de São Paulo, quando aos 6 de outubro de 1946, foi eleito Bispo titular de Scilio, e Prelado de Porto Velho, RO. Foi sagrado Bispo do Santuário Coração de Jesus de São Paulo, aos 30 de novembro de 1946.

Após uma longa viagem de 62 dias, aos 9 de março de 1947 chegava a Porto Velho. A primeira surpresa foi quando o prefeito da cidade, entregando-lhe as chaves simbólicas, lhe disse: "Aqui nestas chaves, o senhor recebe Porto Velho onde há duas mil e quinhentas pessoas. Há também mil e quinhentos cachorros"!

Depois da leitura do documento pontifício na catedral, tomou posse, e puxou o discurso, já preparado... Porém, quando viu que o povo começava a cochilar... guardou o discurso no bolso, e deixou falar o coração... e foi quando o povo prestou atenção.

Meia hora antes do almoço, cansado como estava, foi para o quarto, fechou a porta: "Ao entrar no quarto, sozinho me ajoelhei aos pés da cama. E ali, comecei a soluçar, como uma criança. Não podia conter o choro. Dizia para mim mesmo: "João, onde é que você veio cair?".

"Mas pensando nos padres salesianos que trabalharam na mesma Prelazia, e foram heróis... Por que eu não poderei imitá-los? Coragem!"

Contudo, como Abraão, "contra a esperança, acreditou na esperança". Durante 49 anos dedicou-se, sacrificou-se pela Prelazia-Diocese de Porto Velho, trabalhando apostolicamente na ativa, e nos últimos anos rezando e oferecendo seus sofrimentos pela sua querida e amada Diocese de Porto Velho.

"De coração, lembro algo dele: sua humildade, o seu zelo apostólico, sua vida de aspirante edificante, sua piedade, uma santidade como certamente Dom Bosco queria. Durante a teologia, foi eleito pelos colegas (de todas as Inspetorias estrangeiras), Vice-Assistente dos estudantes de Teologia.

"Esse é um elogio que pouca gente sabe" (Pe.Iran Corrêa, em carta aos 27 de abril de 1996 a Dom Miguel. Pe. Irán foi colega de Dom João desde 1918).

Em Dom João Batista Costa, perdi um grande amigo, um grande conselheiro, que durante 7 anos de provincial e 34 de bispo, nos aconselhávamos mutuamente e nos ajudávamos!

Em Dom João perdi um verdadeiro irmão, por 6 motivos: 1º, filhos de Deus. 2º, cristão. 3º, salesianos. 4º, sacerdotes. 5º, Bispos. 6º, Bispos eméritos.

"Morre Dom João Batista Costa, o Bispo dos pobres, foi a manchete da primeira página de um jornal de Porto Velho.

"Ninguém realizou tanto, em prol dos pobres e carentes, anonimamente, como Dom João", escreve o editorialista de outro Diário da Capital. Em verdade, quem não ficou impressionado pela maneira humilde e caridosa de Dom João, atendendo aos pobres?

Este bispo que amava e servia os pobres, tinha um coração de pobre, uma atitude humilde, um comportamento sem vaidade. Em seu encontro com os que o procuravam ou que ele visitava à beira dos rios, dos lagos e nos seringais, Dom João como os apóstolos Pedro e João, "não tinha nem ouro nem prata,"

mas tudo o que tinha recebido de Deus e da Igreja, ele dava em profusão: a ternura do Pai, a presença de Jesus, a força do Espírito Santo. Como os missionários que tudo deixam por amor de Cristo, para viver nos lugares inóspitos e perigosos.

Não tenhamos dúvida, Dom João em Porto Velho, foi uma bênção de Deus! O homem certo para a época certa! Ele foi o primeiro que abriu picadas, lançou sementes, para que outros pudessem colher frutos abundantes. Dom João escreveu uma belíssima página da história de Rondônia, que não se pode deixar perder.

Entretanto, este homem alegre, que gostava de cantar e tocar gaita, como verdadeiro discípulo de Cristo Jesus, teve que derramar lágrimas secretas, muitas e muitas vezes, em decorrência de calúnias e de perseguição, que não lhe foram poupados a começar de jovem Bispo de Porto Velho até idade avançada. O discípulo não está acima do Mestre. Dom João sempre saiu-se vitorioso, porque estava sob a proteção da Virgem Mãe Auxiliadora, como está no escudo episcopal.

Dom João era bom escritor, escrevendo especialmente a seminaristas, noviços salesianos, padres, narrando episódios de suas viagens apostólicas pelos rios, igarapés e lagos. Onde havia gente, aí chegava Dom João, para cumprir seu dever de pastor. No Rio Machado foi sozinho, porque ninguém quis acompanhá-lo, visitar os índios Boca Preta. Era a primeira vez que um civilizado visitava aquelas malocas.

Salvou uma indiazinha que ia ser sacrificada, porque raquítica e desenganada. Levou-a consigo e batizou-a dando-lhe o nome de Maria Auxiliadora.

Apanhou várias vezes a malária. Uma vez, estava no hospital em estado de coma, e ouviu o médico que disse à Irmã enfermeira: "Dom João morreu". Um mês depois, encontrando-se com o médico, lhe disse: "aqui está Dom João que morreu".

Dom João Batista Costa, foi timoneiro seguro e fiel à Igreja no governo da Diocese de Porto Velho. Como religioso, observante das Santas Regras. Como Bispo, digno sucessor dos Apóstolos. Dele podemos dizer: "passou fazendo o bem, a todos e mal a ninguém".

## 19 – SALESIANO COADJUTOR THEOTÔNIO FERREIRA

* Silveiras-SP: 18-02-1898
(100 anos)
† São Gabriel da Cachoeira-AM: 05-06-1997

No dia cinco de junho de 1997, assistido pelos irmãos da comunidade, após receber o sacramento dos enfermos, nos deixava o nosso irmão senhor Theotônio Ferreira.

Numa carta que me escreveu aos 25 de agosto de 1996, me dizia: "estou caminhando nos meus 99 anos de existência terrena, 66 dos quais tenho vivido na Missão do Rio Negro, em companhia dos grandes missionários dos primeiros tempos das missões. Conheci Pe. Bálzola, Pe. Chiquinho, Pe. Giaccone, Dom João Marchesi. Se não morrer, no próximo mês de fevereiro, se Deus quiser, entrarei no começo do meu ano centenário".

Na última vez que estive em São Gabriel, em janeiro de 1996, vi senhor Theotônio rezando o divino ofício com os irmãos, trabalhando sempre, pela manhã, na horta, no pomar e no jardim, com sua enxadinha, sempre ocupado ... Quando o médico disse a Dom Bosco, que devia descansar, o santo respondeu: "é o único remédio que não posso tomar". A mesma coisa se deve afirmar do senhor Theotônio.

O amor e o cuidado que ele tinha para com aquele pomar, deve servir de exemplo para qualquer pessoa. Aí se apreciava de tudo, inclusive uma videira!

No dia que entrou no ano centenário, alguém o saudou: "gosto muito de pensar em ti, pronunciar lentamente a palavra amigo, escandindo as sílabas: THEOTÔNIO, ao ritmo do coração, meu pai, meu pajé, educador insigne, boníssimo amigo, grande líder, professor THEOTÔNIO!"

Estando para despedir-se deste mundo, disse que deixava um caderno (diário) com muitas notícias pelas quais o superior poderia conhecer bem quem era o Theotônio.

Numa fotografia de salesianos da nossa inspetoria, com o Reitor-Mor Pe. Ziggiotti, Theotônio está ao lado direito do superior, e este com a mão direita no ombro do nosso centenário.

Anos atrás, ele mesmo escreveu o resumo autobiográfico, dando dados importantes. Vamos transcrevê-lo na íntegra.

"Brevemente o Theotônio cantará o canto do cisne de sua vida terrena vivida nas casas salesianas. Em 1908, com 10 anos, comecei a freqüentar o Oratório Festivo do Ginásio São Joaquim de Lorena, e no mesmo ano, fiz a primeira comunhão, e quem ma deu foi o Pe. Luiz Marcigaglia.

Em 1910, o diretor do Oratório Festivo, anunciava a morte do primeiro Reitor-Mor dos Salesianos, Pe. Miguel Rua. Freqüentei o Oratório Festivo de Lorena durante oito anos. Neste Oratório me meio a vocação para ser Coadjutor Salesiano. Já com 18 anos, fui para o Externato São João de Campinas para fazer o aspirantado, como porteiro, professor e assistente dos externos. Este aspirantado durou quatro anos e o meu diretor era o Pe. José dos Santos.

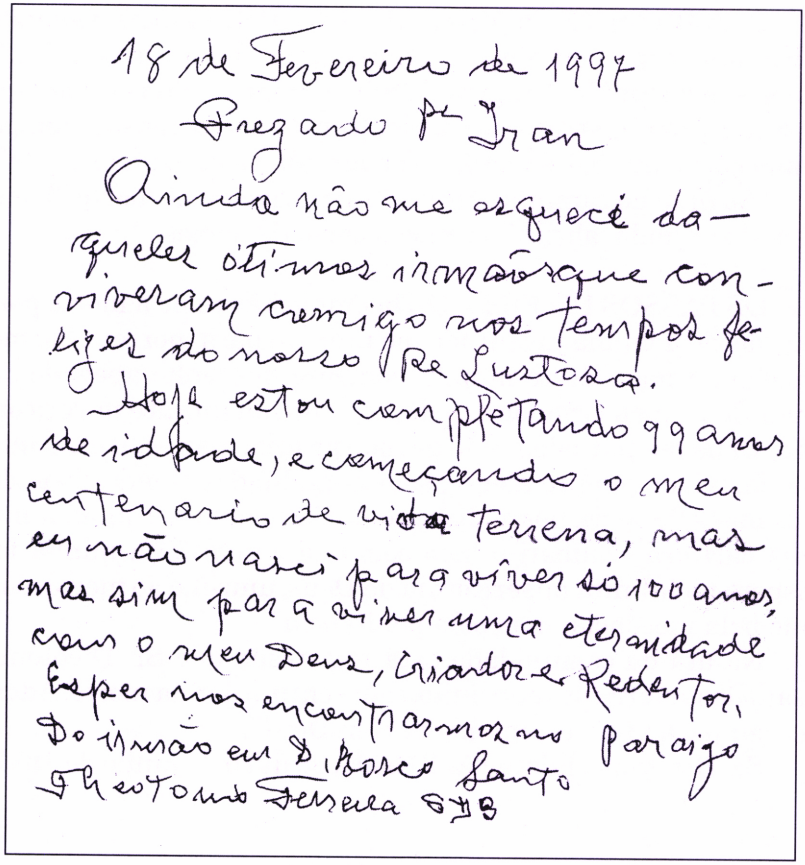
No dia 27 de janeiro de 1920, cheguei a Lavrinhas e no mesmo dia, recebi as Santas Regras Salesianas, e entrava no Noviciado. O meu mestre de Noviciado foi o Pe. Antônio Lustosa, depois Arcebispo de Fortaleza; o assistente dos noviços era o clérigo Luiz Garcia de Oliveira. Eu tinha 22 anos de idade. Em 1923, fiz os votos trienais.

Em 1935, no dia 28 de janeiro, fiz os votos perpétuos. No fim de 1927, fui enviado para Campinas, no Liceu Nossa Senhora Auxiliadora, como assistente e professor na Escola Agrícola. Em 1931, com 33 anos, a pedido de Dom Pedro Massa, fui enviado para o Rio Negro, para organizar campos agrícolas naquelas Missões.

Saí do Rio de Janeiro no dia 15 de março de 1931, com 33 anos. Hoje, janeiro de 1995, continuo plantando no Amazonas. Só Deus poderia dar-me esta graça. Se Deus quiser, em fevereiro estarei completando 97 anos, começando os 98. Este ano comemoro 79 anos de minha entrada no Aspirantado; 75 anos de minha entrada no Noviciado; 73 anos de minha primeira profissão religiosa.

Em todos estes anos, etapas da minha vida, não tive nem um momento de dúvida da vocação para Coadjutor Salesiano. Tenho Deus em todos os momentos de minha vida.

Presentemente posso dizer como São Paulo: "Terminei a minha carreira, combati o bom combate e guardei a fé. Confio



18 de Fevereiro de 1997

Prezado Pe Iran

Ainda não me esqueci daqueles últimos irmãos que conviveram comigo nos tempos felizes do nosso Pe Lustosa.

Hoje estou completando 99 anos de idade, e começando o meu centenário de vida terrena, mas eu não nasci para viver só 100 anos, mas sim para viver uma eternidade com o meu Deus, Criador e Redentor. Espero nos encontrarmos no Paraíso

Do irmão em D. Bosco Santo

Theotonio Pereira SDB

na infinita misericórdia de Deus, salvar a minha alma, não pela inocência, mas pela penitência".

Em Manicoré ficou lembrado pelos anos que aqui passou, como professor sério e diretor do Colégio Estadual, e estimado pelos alunos. Naquele ano plantou várias castanholas... mas agora só fica uma, que faz sombra sobre os que vão ou voltam do porto, logo acima da escadaria.

Coincidência: Senhor Theotônio, que foi professor e assistente de Dom João Batista Costa, no 4º volume de "Heróis Autênticos" ocupará o lugar logo depois dos traços biográficos de Dom João!

Carta autógrafa do Sr. Theotônio, ao Pe. Iran no dia que começava o ano CENTENÁRIO.

Dom Walter: "Esta Missa não é de tristeza, pois o senhor Theotônio espalhou alegria, otimismo em toda a sua vida. A presença do Sr. Theotônio construiu o Reino de Deus como professor e como instrutor de agricultura; mas ao mesmo tempo como salesiano, catequista, transmitindo Deus, o amor e a fé".

"Ao final do caminho, me dirão: e tu viveste? A morte? E eu, sem dizer nada, abrirei o coração cheio de nomes..."

OS PASSOS DO FIM - "O Theotônio não teme a morte porque desde a minha juventude me preparo para morrer. Não me apeguei a nada deste mundo, somente me tenho apegado ao meu Deus, meu Criador e Redentor. Por sua infinita misericórdia, Deus me concedeu uma grande graça: a paz espiritual que me faz viver sempre alegre, sem gargalhadas. Tendo chegado aos meus 99 anos, posso dizer como São Paulo: terminei a minha carreira, combati o bom combate e guardei a minha fé. Espero na infinita misericórdia de Deus, unir-me ao meu Jesus não pela inocência, mas pela penitência".

Na ata da comunidade está registrado que Sr. Theotônio "saiu desta terra de mansinho, sem sentir a dor da morte. Adormeceu para viver eternamente com Deus".

Sr. Theotônio, faleceu às 21hs05, do dia 5 de junho de 1997.

## 20 – PE. PASCOAL M. JALONGO

Itri-Itália: 14-02-1925
73 anos
† Turim-Itália: 06-10-1997

Pe. Pascoal fez o aspirantado no Instituto Missionário de Gaeta, casa de formação que deu vários missionários para a nossa Inspetoria. Agora, desapareceu do Catálogo Geral da Congregação. É uma pena e deixa muita saudade!

Fez o noviciado em Villa Moglia, em 1941, e sua profissão religiosa aos 16 de agosto de 1942. Fez a filosofia em Foglizzo e o tirocínio em Boa Marina. A teologia a fez em Messina, onde foi ordenado sacerdote aos 29 de junho de 1952. Sacerdote para sempre e a serviço do povo de Deus.

Em 1954, já está no Brasil, trabalhando entre os aspirantes, em Jaboatão.

Em 1955, veio para o Amazonas e trabalhou em Santa Isabel de Tapuruquara, depois em Taracuá e em Manicoré.

De 1968 a 1985, por 17 anos foi vigário da nova paróquia de Auxiliadora do Uruapiara.

Em 1986, está no Colégio Dom Bosco de Manaus, depois de ter feito a operação dos dois dedões dos pés.

Retornou para a Itália, unicamente por motivo de saúde, porque estava demasiadamente apegado à paróquia de Auxiliadora.

Em 1986, no opúsculo "25 anos de caminhada", lembrando os 25 anos da Diocese de Humaitá, ele escreveu: "Eis seis pequenos episódios, frutos da graça de Deus na vida do nosso povo cristão do interior".

Com boa memória, ele lembrava com facilidade os nomes das pessoas e muitos episódios com suas circunstâncias.

No ano santo Mariano de 1987, publicou um opúsculo: "Nossa Senhora da Cívita" no vale do Rio Madeira, Amazonas. No começo fala da origem da devoção a Nossa Senhora da Cívita, em Itri (cidade onde ele nasceu). Depois passa a falar da mesma devoção na paróquia de Nossa Senhora Auxiliadora do Uruapiara, onde trabalhou 17 anos. Enumera as capelas edificadas, embora hoje em estado precário: Curusá, ilha de Capanã,

Terra Preta, Vista Longe, Varadoro da Auxiliadora, Acará. Fundou também o movimento "Cidade de Deus".

De todas as capelas, a mais importante é a de Curusá, de alvenaria, bem acabada e localizada na margem direita do Rio Madeira, numa ponta de terra bem alta e defendida por pedras. Foi a primeira capela que Pe. Pascoal construiu.

Pe. Pascoal escreveu: "Trabalhou 33 anos no Amazonas, e sempre procurou difundir esta devoção. Nascido em Itri, e criado na devoção a Nossa Senhora da Cívita, levou sempre no coração a devoção e o amor à Mãe de Deus, venerada sob este título".

A devoção a Nossa Senhora da Cívita era vivida com entusiasmo e transmitida. Quando pregava sobre este assunto, tinha sempre exemplos para contar, e assim provava o que ensinava. Esta devoção estava mesmo no sangue dele, e chegou a propagá-la em toda a Paróquia do Uruapiara.

Durante 17 anos de vigário da Paróquia do Uruapiara, sempre ativo e perseverante em seu apostolado.

Ultimamente enviei para ele um exemplar do "Histórico da fundação das casas da Inspetoria Missionária da Amazônia". Ele me respondeu: "Li com todo interesse o histórico da fundação de Auxiliadora, porque para mim é uma lembrança inesquecível".

Em 1982, Auxiliadora do Uruapiara está no Catálogo Geral dos Salesianos, juntamente com um salesiano leigo.

Em 1985, em Manaus, Pe. Pascoal amputou os dedões dos pés, e como ele era diabético, as feridas não cicatrizaram... ficou assim até a morte.

Continuamente, encontrando-me com pessoas conhecidas, seja da cidade como do interior, sempre me perguntavam por ele. Outros me pediam o endereço, para se comunicar com ele.

Em 1992, dois ex-alunos dele da Itália, médicos formados e donos de uma clínica, o levaram para a própria clínica, fizeram um exame especial e, depois, uma operação delicada, que saiu bem. Assim, depois de um mês, voltou novamente para a casa André Beltrami.

Na última carta que me escreveu (14-02-97), dizia: "Não estou passando muito bem; quase não enxergo mais e não posso ler. Visito os irmãos doentes da comunidade, escuto a Rádio

'Ave Maria', que durante 24 horas por dia só transmite programas religiosos. Rezo o rosário". Despedindo-se de mim, diz: "Não sei se completarei os meus 72 anos. Estou com saudade do Céu. Adeus e até o Paraíso".

Faleceu na véspera da festa de Nossa Senhora do Rosário, sinal de que Nossa Senhora veio buscá-lo, como prêmio da reza freqüente do Santo Rosário. Faleceu no mês das Missões, deixando-nos exemplo de vida edificante, de fé e de amor.

"Conheci Pe. Pascoal em 1965, quando estava em Humaitá. Ele sempre me prestou muita atenção, me dava explicações sobre a religião. Depois foi para Manicoré e, finalmente em 1968, para Auxiliadora do Uruapiara. Deu-me um pequeno catecismo, que guardo como lembrança. Quando ía ao Baéta, sempre me procurava e me pedia notícias da comunidade. Recomendava-me sempre que rezasse o terço e ensinasse aos outros. Guardo do Pe. Pascoal saudosa recordação" (FT).

Na lembrança que enviaram de Turim, está escrito: "Consagrou-se para o bem de tantos jovens, especialmente nas Missões do Amazonas. O amor no sofrimento tornou agradável a Deus o seu sacrifício. Nós te recordamos com afeto".

"Do Pe. Pascoal, eu só posso dizer que foi um homem de Deus, que fez muito por este povo do beiradão. A recompensa foi só do Céu. Fiz muitas viagens com ele, ajudei no que pude, principalmente nas desobrigas, na preparação dos batizados e dos casamentos: em Capanã, Acará, Uruapiara...

Muitas noites mal-dormidas; alimentação quase nada: só mingau, beiju, peixe e farinha. Este padre doente e diabético. A nossa companhia era o rapaz que cuidava do motor. Pude constatar que ele nunca se queixou de nada. Isto acontece com os santos.

Ele ajudava muito os paroquianos. Conhecia a todos pelo nome. De Pe. Pascoal só tive exemplo de bondade e de abnegação" (I. Jo. D'ARC).

## 21 – PE. ÂNGELO SPADARI

* Itália: 24-10-1910
(87 anos)
† Manaus: 12-10-1997

Faleceu em Manaus, no dia 12 de outubro, solenidade de Nossa Senhora Aparecida, aos 87 anos de idade, 65 de profissão religiosa e 57 de sacerdócio.

Nossa Senhora, no dia de sua festa, veio buscar o servo bom e fiel. Filho de Francisco Spadari e Maria Chioda. Fez o aspirantado em Ivrea. Chegou ao Brasil aos 16 de dezembro de 1930, para começar o noviciado.

A primeira profissão a fez em Jaboatão aos 4 de fevereiro de 1930. Sempre em Jabotão, fez a filosofia. O tirocínio o fez em Aracaju. A teologia a fez no Instituto Pio XI e foi ordenado aos 8 de dezembro de 1940, por Dom José Gaspar de Afonseca e Silva.

Depois de passar 7 anos em Aracaju, foi para Manaus. Depois o encontramos no Território de Rondônia, que foi o maior campo de seu apostolado.

Pe. Ângelo viu os simples povoados de Rondônia transformarem-se em pequenas cidades; as capelas cobertas de palha, em igrejas. Presenciou o progresso material, mas também o religioso e moral. Em meio a tanto progresso, não faltou a cooperação da Igreja. A presença do Pe. Ângelo era sempre esperada. No cumprimento de seus deveres, não media sacrifícios. Ele era o desbravador da causa do Reino de Deus.

Sempre criterioso e sabendo argumentar com calma e paciência. Muito prestativo, trabalhador, sempre de muita confiança dos superiores. Nos sete anos de inspetor, jamais tive queixas dele.

"Em 1949, Dom João Batista Costa, depois que tomou posse da Prelazia de Porto Velho, foi a Vilhena, onde eu trabalhava há anos, e que praticamente a Vila começou comigo" (nota autógrafa do Pe. Ângelo).

A passagem do Pe. Ângelo entre nós, ficou marcada perenemente. Pela sua bondade, alegria constante, seu sorriso, afabilidade, austeridade consigo mesmo e total disponibilidade para

com todos. Tornou-se um grande salesiano no amor à Igreja, à Virgem Auxiliadora e a Dom Bosco. Foi acima de tudo um homem fiel. Era impressionante sua capacidade de trabalho. Mesmo no último ano, meteu-se a traduzir opúsculos muito instrutivos. Era o homem do otimismo, da alegria e da amizade. Religioso equilibrado, adaptado ao meio ambiente, simples, espontâneo.

Não media sacrifícios para atender às confissões e sempre com calma e paciência. Em algumas vezes se repetia com ele a cena do filho pródigo arrependido.

Suas pregações transformavam vidas, definiam caminhos, restabeleciam a fé.

Descoberta da cassiterita – "No começo de 1959, vieram a Porto Velho engenheiros da siderúrgica Belgo-Mineira e ficaram admirados em ver um laboratório tão bem organizado. Naquele ano fiz mais de mil análises e não cobrei nada de ninguém. Consegui forjar o mapa com a ocorrência da mineração da cassiterita, fixando as áreas entre o paralelo nove e dez do Território. Infelizmente, na minha ausência, o mapa foi extraviado" (do diário das viagens).

Conhecedor profundo da sua missão de caçador de almas, teve sempre carinho, disposição para o trabalho missionário. Durante toda a sua vida, mostrou sempre a bondade em forma de serviço particularmente para com os pobres e necessitados do interior de Rondônia, especialmente em Vilhena, por ele fundada.

Quinze dias depois da morte do Pe. Ângelo, a Inspetoria, como lembrança dele, publicou: "Diário das viagens apostólicas", que vai de 1960 a 1983.

Em 1960, quando era diretor do Colégio Dom Bosco de Porto Velho, durante as férias, organizou uma excursão com alguns alunos e passaram por Tabajara, Machado, Jaru, Juína, Colorado do Oeste.

No Colégio Dom Bosco, conserva-se ainda o quadro de formatura, da primeira turma do Curso Científico (1958), uma verdadeira relíquia com os semblantes sorridentes e jovens de Dom João Batista Costa e do Pe. Ângelo. Foram estes os anos de estudo, de pesquisa, administrando com farta sabedoria e inegável competência.

Numa viagem foi visitar a tribo Caritiana. Eram naquele tempo uns 70, vivendo ainda "como Deus os criou", porém se vestiam para tratar com os civilizados. Têm grande disposição para o trabalho.

Várias vezes fala de Vilhena, por ser o lugar onde mais trabalhou, desde o início da vila.

No diário, em 60 páginas, com descrição bem detalhada, fala de nomes de pessoas, de lugares, circunstâncias, datas e trabalho realizado. Pe. Ângelo dá um belíssimo exemplo para todos os missionários. Não somente o trabalho, mas transmitindo aos pósteros o trabalho realizado, para que os bons exemplos sejam imitados e sejam avaliados os grandes sacrifícios.

Agradecemos a Deus Nosso Senhor e a nossa Mãe Maria Auxiliadora pela ajuda e proteção que lhe deu.

Em 1982, quando Pe. Ângelo era vigário de Arquimenes, Dom João Costa, depois de emérito, foi passar uma temporada com Pe. Ângelo, sinal de muita estima que lhe tinha.

Quando os superiores salesianos tomaram a decisão de fechar a casa de Vilhena, Pe. Ângelo não disse uma palavra de queixa. Arrumou em silêncio os poucos pertences que tinha (era de uma pobreza desarmante) e partiu para outra destinação. O coração sangrava, os marejavam de lágrimas, o povo o abraçava com transportes e gratidão!!!

Em 1995, abrindo-se o novo noviciado em Candeias, Pe. Ângelo vai como confessor. Em 1996 porém, fechando-se, vai para Manaus, para CESAF, onde aguardou a irmã morte.

Nos últimos meses, apresentava-se com a saúde bastante debilitada e em tratamento médico.

Fiquemos com o exemplo de fé, vida e fraternidade, que nosso irmão nos deixou.

Rezemos para que ele tenha o bom e merecido prêmio.

## 22 – PE. FRANCISCO BIGIARETTI

* Itália: 16-05-1904
(94 anos)
† Manaus – CESAF: 02-05-1998

Antes de entrar na congregação, formou-se em medicina. Depois de um breve período, entrou na Congregação Salesiana, fazendo o noviciado, a filosofia e o tirocínio.

Pediu para trabalhar nas missões do Rio Negro e foi atendido. Depois de aprender um pouco a língua, em 1940 foi para o Instituto Pio XI, que naquele tempo reunia todos os estudantes de teologia do Brasil.

Quando recebeu a tonsura, o bispo, ao cortar-lhe os cabelos, sorriu, pois naquele tempo já era careca.

Quando os clérigos queriam fazer algum pedido coletivo, pediam a ele que o fizesse, pois tinha mais entrada com o diretor e sempre conseguia.

Quando havia algum salesiano doente, era ele que o acompanhava ao Dr. Brunetti, no Hospital do Brás.

Estávamos estudando o tratado "de gratia". Quando terminamos, Pe. Francisco fez uma pergunta interessante: "Terminamos o tratado, mas não encontramos a 'graça do estado', isto quer dizer que não existe! É por isso que alguns superiores deixam um pouco a desejar"! O professor ficou preocupadíssimo... porque o texto não falava claramente da "graça do estado".

Recebeu a ordenação sacerdotal no dia 8 de dezembro de 1943, das mãos do bispo e missionário do Rio Negro, Dom Pedro Massa. Depois da ordenação sacerdotal, ficou por algum tempo secretário do prelado do Rio Negro. Durante muitos anos trabalhou nas missões do rio Negro, como médico e, por isso, freqüentemente visitava as várias residências. Por brincadeira, os salesianos o chamavam de "rádio cipó", porque ele levava muitas notícias, naquele tempo em que não havia ainda o telefone, nem televisão. Ele porém nunca se ofendia com esta frase.

Sofria de asma e nunca ficou bom. Por este motivo, os irmãos às vezes lhe diziam: "medice, cura te ipsum".

Não ocupou cargos diretivos de diretor, conselheiro ou ecônomo, nem catequista.

Estava sempre ao par do que se passava na Congregação, na Igreja e na nação. De boa mente, transmitia as boas notícias para a comunidade.

De caráter alegre, comunicativo e de boa memória. De memória prodigiosa, acumulou muitos conhecimentos com seus estudos.

Sua versatilidade o colocava em situação cômoda diante de várias pessoas com as quais falava, e nunca deixava de dizer uma palavra animadora e instrutiva.

Vivia a vida de observante de uma maneira serena, tranqüila, de fidelidade. Sua educação dava-lhe aquela precisão de estar no lugar certo.

A graça de Deus refulgia na pureza de seus olhos, nos seus gestos, no seu falar, na maneira de ser e servir. Na polidez de seu trato. Na limpeza de sua pessoa. Nunca, jamais se ouviu dizer dele qualquer coisa que inodoasse sua castidade. Muito procurado para o ministério das confissões seja para irmãos como para as pessoas de fora.

Se tomarmos o capítulo EM DIÁLOGO COM DEUS, das nossas Constituições, poderemos constatar como a vida do Pe. Francisco se identifica com ele. Sua constante oração com a comunidade, sua concentração e união nos momentos de oração. O amor à Eucaristia refletido na celebração da Santa Missa, na adoração freqüente, mesmo rápida, ao Santíssimo na capela. Seu amor filial a Maria, nossa Mãe e Mestra, a récita cotidiana das orações na comunidade. Sua constante e serena alegria. "A necessidade de Deus sentida no trabalho apostólico que o levou a celebrar a liturgia da vida, até chegar à operosidade incansável, santificada pela oração e pela união com Deus" (Art. 95).

A confissão, o retiro mensal, eram sempre a busca de uma constante conversão. Tudo o levava, numa vida tranqüila de ser, de estar e viver, a "uma profunda unidade do Senhor Jesus, mantendo viva a espera de sua volta".

A presença do Pe. Francisco no meio de nós deixou a marca de algumas características da sua personalidade salesiana.

A simplicidade com a serenidade no trato com as pessoas, a alegria que transbordava de uma vida espiritual intensa, sem exageros.

Sentido de gratidão: aceitava comovido as manifestações de carinho e reconhecimento.

Onde estava o Pe. Francisco, estavam a alegria e o bom humor.

Quantos no Rio Negro recordam os atendimentos aos doentes, o envio dos mais graves para o hospital de Manaus, os remédios que ele conseguia e os distribuía com generosidade! Além do cuidado dos corpos, cuidava das almas, preparando os doentes para se conformarem com a santa vontade de Deus.

Era médico dos corpos, mas especialmente das almas.

Partiste, Pe. Francisco. Adeus.

## 23 – SENHOR JOAQUIM MATAIX MOLINA

Voluntário leigo espanhol - FAMIGLIO

* Calicante - Espanha: 16-04-1911
(86 anos)
† Manaus: 25-11-1996

O *Informisma* nº 123, de 27 de novembro de 1996, dava esta triste notícia: "Senhor Joaquim Mataix Molina, que durante muitos anos trabalhou nas Missões como Voluntário Leigo Espanhol, e que ultimamente estava no CESAF, faleceu".

Não podemos esquecer este venerando irmão Voluntário, que passou pelas nossas comunidades semeando o bem e deixando em todos muita saudade.

Joaquim Mataix Molina nasceu em Calicante, Espanha, aos 16 de abril de 1911. Filho de Joaquim Mataix e Bienvenida Molina. Ainda criança, com seus pais, migrou para a cidade de Marselha, sul da França.

Volta depois para a sua cidade natal, num período de guerra comunista, no tempo do general Franco. Neste período sofreu muito. Terminado o período da guerra, voltou para a França.

Mais tarde vai para o deserto da Argélia, África, depois em Las Palmas, nas Ilhas Canárias, e aí, com os salesianos, trabalha nove anos. O diretor salesiano da Casa dá esta declaração: "conduta exemplar, homem de trabalho, muito piedoso".

Depois migrou para o Brasil. Por coincidência, no Rio de Janeiro, encontrou-se com Pe. Afonso Casasnovas, que o convidou para o Amazonas.

Em 1960 chega a Manaus e presta seus serviços na Casa Inspetorial. Vai depois para Taracuá e para Fátima, no Rio Tiquié. Em seguida para o Rio Maraiuá. Depois de alguns anos de luta, fome e sacrifícios, vai para Santa Isabel de Tapuruquara.

Vai, depois, para Auxiliadora do Uruapiara. Passa, após este período, dez anos na comunidade de Manicoré. Finalmente em fevereiro de 1993, chega à comunidade da CESAF, onde veio a falecer.

Eis algumas características deste benemérito Voluntário.

1- TRABALHADOR – Nos vários lugares por onde passou, viveu sempre ocupado. Quando por motivo de chuva ou doença não lhe era possível sair de casa para o trabalho, sofria, embora ocupava-se em outros serviços. Era cozinheiro, preparava bem as comidas, e sempre variadas. A verdura cultivada por ele nunca faltava na mesa. Apanhava as frutas no pomar, e na mesa havia sempre fruta à vontade.

2- BRINCALHÃO – Sabia entreter as crianças e os adultos, fazendo gestos e piruetas que alegravam a todos. Falava muitas vezes da temporada que passara nas Ilhas Canárias, sempre nas comunidades salesianas. Trabalhou pouco tempo também no Rio de Janeiro.

3- CUIDAVA DOS ANIMAIS DOMÉSTICOS – Cachorrinhos, gatos, galinhas. Muitas vezes o gatinho ficava ao lado dele, na cadeira nas horas das refeições e sempre recebia alguma coisa. De noite, ficava na porta do quarto, do lado de fora. A mesma coisa fazia o cachorrinho.

4- CRÍTICAS – Sabia fazer críticas construtivas. Sempre de olhos abertos e com prudência reparava as coisas e sabia corrigir quando estavam erradas.

5- DIALOGAVA - Sempre que saía de casa, na praça da Matriz em Manicoré, encontrando algumas pessoas conhecidas, se metia a conversar, dialogar e assim ficava a par do que acontecia, visto que nem lia jornais e nem assistia televisão.

6- ZELAVA PELAS COISAS DA COMUNIDADE – Considerava as coisas como se fossem próprias. Gostava de ver as coisas no próprio lugar e muitas vezes dizia: "sabem pedir as coisas, mas não sabem devolvê-las ou colocá-las no próprio lugar".

7- APOSENTADORIA – Quando se aposentou, começou a ter um dinheirinho. Sempre dava alguma esmolinha a quem lhe pedia. Dava uma gratificação para o procurador que ia ao banco para retirá-la.

Agora que o Capítulo Geral 24 tratou DOS SALESIANOS LEIGOS: COMUNHÃO E PARTILHA NO ESPÍRITO E NA MISSÃO DE DOM BOSCO, é justo que apresentemos entre os nossos Heróis Autênticos esta figura simpática de Voluntário

que dedicou toda a sua vida nas nossas várias comunidades, deixando belíssimos rastos para serem imitados.

CONCLUINDO – Não era salesiano, mas fazia todas as práticas de piedade com os salesianos. Quase sempre o primeiro a entrar na capela e o último a sair. As devoções dele eram as nossas devoções. Desapegado de tudo, tendo em seu quarto apenas o necessário.

PRATICAMENTE viveu a vida religiosa, SEM TER FEITO A PROFISSÃO RELIGIOSA. Adeus, senhor Joaquim, fique em paz!

Impressão e acabamento:
**ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS**
**EDITORA SALESIANA DOM BOSCO**
Rua Dom Bosco, 441 • CEP 03105-020 • São Paulo - SP
Fone: (011) 277-3211 • Fax: (011) 279-0329 • Fax (Vendas): (011) 279-4084
Telex: (011) 32431 - ESPS BR • Caixa Postal 67541 - CEP 03102-970
E-mail: sdbmooca@salesianos.org.br • Home page: http://www.salesianos.org.br
salesianas

"Eis mais 23 irmãos salesianos que partiram para a Casa do Pai. Somando estes aos dos três volumes precedentes, temos 200 salesianos, dos quais conheci, pessoalmente, 154, que formam na minha memória, um mosaico de recordações. Ao reler estes 'heróis autênticos', penso sempre naquilo que eles foram para mim — exemplos edificantes — 'ficai com o que é bom', o resto não me interessa porque defeitos todos nós temos" (*Dom Miguel D'Aversa*, bispo emérito de Humaitá).